

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Hígor Caleffi**

**O CONHECIMENTO NA INTERVENÇÃO DO(A) ASSISTENTE SOCIAL: AS  
INFLUÊNCIAS DA SOCIEDADE CAPITALISTA NA APROPRIAÇÃO E USO  
DO CONHECIMENTO TEÓRICO**

**MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL**

**SÃO PAULO**

**2013**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
(PUC-SP)**

**Hígor Caleffi**

**O CONHECIMENTO NA INTERVENÇÃO DO(A) ASSISTENTE SOCIAL: AS  
INFLUÊNCIAS DA SOCIEDADE CAPITALISTA NA APROPRIAÇÃO E USO  
DO CONHECIMENTO TEÓRICO**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Banca Examinadora da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, como exigência parcial para  
a obtenção do título de MESTRE em Serviço Social,  
sob a orientação da Professora Doutora Maria  
Carmelita Yazbek

**SÃO PAULO  
2013**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

---

---

*O que se move conhece o que se move*

**(Heráclito de Éfeso)**

## **AGRADECIMENTOS**

Fazer uma dissertação de mestrado é a realização de um sonho e fruto de muito esforço e dedicação. Durante este período passamos por diferentes dificuldades e desafios de ordem acadêmico, pessoal, de trabalho, que por Deus enfrentei na companhia de queridas pessoas a quem agradeço e dedico este trabalho. De modo especial à minha mãe Lourdes e minha avó Ilda, aos meus irmãos Anderson e Bruno, a minha orientadora Maria Carmelita Yazbek, a Liliana e a todos e todas que contribuíram direta ou indiretamente na realização desta dissertação.

## **RESUMO**

Esta dissertação tem por objetivo discutir e analisar o conhecimento teórico buscado pelos Assistentes Sociais para a compreensão da realidade e intervenção profissional e o oferecido pela instituição empregadora. Problematizar o conhecimento teórico adquirido pelo profissional de Serviço Social contribui para pensarmos nas competências necessárias para o desvelamento e intervenção na questão social, conhecer o contexto onde está inserido e as influências exercidas pela sociedade capitalista e as ideologias da instituição empregadora.

Palavras-Chave: Serviço Social; conhecimento teórico; intervenção profissional.

## **SUMMARY**

This dissertation aims to discuss and analyze the theoretical knowledge sought by social workers to understand the reality and professional intervention offered by the institution and employer. Problematize the theoretical knowledge acquired through professional social work contributes to thinking skills necessary for the unveiling and intervention in social issues, know the context in which it operates and the influences exerted by capitalist society and the ideologies of the employing institution.

Keywords: Social Work; Theoretical Knowledge; Professional intervention.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>Capítulo I</b> .....	14
<b>A RAZÃO MODERNA E SUA CRÍTICA</b> .....	14
1.1 A razão .....	14
1.2 A razão moderna .....	15
1.3 Bacon e Descartes: Crítica á razão especulativa .....	16
1.4 A dialética do esclarecimento: Crítica à razão instrumental.....	21
1.5 Pós-Modernidade: Crítica da razão indolente.....	29
1.6 Crítica ao irracionalismo e o pensamento pós-moderno.....	35
<b>Capítulo II</b> .....	44
<b>FUNDAMENTOS DO CONHECIMENTO TEÓRICO</b> .....	44
2.1 O conhecimento em Marx.....	44
2.2 Relação teoria / prática .....	54
2.2.1 O que é prática .....	55
2.3 Teoria tradicional e teoria crítica.....	63
2.4 Adorno e a teoria prática.....	67
<b>Capítulo III</b> .....	73
<b>O CONHECIMENTO TEÓRICO NO CONTEXTO DO SERVIÇO SOCIAL</b> .....	73
3.1 O Conhecimento no Serviço Social: uma proposta de interpretação marxista da profissão.....	73
2.5 Problematizando o conhecimento do serviço social na atualidade.....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	89
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	93

## INTRODUÇÃO

O ser humano está constantemente insatisfeito com o conhecimento que tem sobre a sua realidade. Ao ver-se interpelado por ela busca explicações para os fenômenos que o rodeia e dos quais faz parte. Faz isso desde épocas remotas recorrendo a diferentes explicações passando das míticas ao pensamento baseado na razão. Questiona o sentido da vida, do mundo, do universo, não se contenta com o imediatismo e busca a fundo o significado das experiências cotidianas. Neste processo ele desenvolve diferentes tipos de conhecimento com os quais se relaciona com o mundo, com os outros homens e com ele mesmo, o conhecimento artístico, religioso, prático, teórico, entre outros.

O conhecimento teórico tem importante função na sociedade e, conseqüentemente, no Serviço Social enquanto uma profissão socialmente determinada. No último Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, realizado em 2012<sup>1</sup>, a Professora Maria Carmelita Yazbek disse que: “O conhecimento teórico é a primeira ferramenta de trabalho do Assistente Social”. Iamamoto (2003) coloca o conhecimento teórico como um instrumento, em uma noção ampliada, sem o qual não é possível o exercício da atividade profissional, do seu trabalho. Guerra e Forti (2010) defendem que “o conhecimento teórico (ético-político) é que nos permite imprimir sentido à nossa ação, uma vez que a teoria incide sobre a compreensão da direção social, do significado e das implicações desse fazer profissional” (p. 19).

A motivação para realizar esta pesquisa e a escolha desta temática parte justamente deste ponto, da compreensão de que o conhecimento teórico é algo fundamental no trabalho do Assistente Social tanto no que tange o desvelamento da realidade onde estamos inseridos e onde se dá nossa

---

<sup>1</sup> XIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS) “*Serviço Social, acumulação capitalista e lutas sociais: o desenvolvimento em questão*”. 5 a 9 de novembro em Juiz de Fora (MG).

atividade profissional, como também, nos permite pensar e objetivar o que queremos e por que queremos intervir nesta realidade.

Compreendendo, portanto, a importância do conhecimento teórico nos cabe problematizar e nos questionar sobre o que é este conhecimento teórico? Como ele se dá? Como ele é utilizado? Será que no cotidiano profissional os Assistentes Sociais reconhecem o conhecimento teórico como importante? Onde buscam se capacitar teoricamente? Que tipo de conhecimento estão buscando? Quais fatores facilitam e quais dificultam nesta busca? Qual é o papel e a influência da sociedade capitalista nesta apreensão do conhecimento teórico? Que tipo de conhecimento é oferecido pelas instituições empregadoras nos cursos e capacitações oferecidas?

O contexto histórico, social, econômico, cultural e político em que vivemos tem uma forte influência na forma como lidamos com o conhecimento e temos acesso a ele. Atualmente, com a popularização da internet e dos demais meios de comunicação, temos acesso a uma infinidade de informações e de todos os tipos. Este excesso de informação é um dos fatores que dificulta refletir, questionar, criticar, criando uma idéia de que apenas o acesso a estas informações oferecem a compreensão e o entendimento da sociedade.

Podemos elencar ainda outros fatores que contribuem para criar barreiras que dificultam o conhecimento desta realidade, como a Indústria Cultural, o excesso de trabalho, a falta de tempo livre, o processo de reificação e alienação. Vivemos em um contexto histórico de uma sociedade capitalista sob forte ofensiva neoliberal que repercute na vulnerabilização do trabalho, retração dos investimentos públicos no campo social e crescente subordinação das políticas sociais às políticas econômicas. A precarização das condições laborais que se expressa no excesso de trabalho, na falta de profissionais para o atendimento de uma demanda crescente, nos baixos salários, na terceirização e perda de direitos, na vinculação laboral por curto período, entre outros, são fatores que dificultam que o profissional possa capacitar-se, pensar, refletir e conhecer o contexto da sua atuação.

Problematizar as condições do conhecimento teórico adquirido e produzido pelo profissional de Serviço Social significa investigar o contexto onde está inserido e as influências exercidas pelo capitalismo em seu modo de operar. Este contexto repercute no Serviço Social ao articular as tendências pós-modernas com o pensamento conservador, fortalecendo a razão instrumental ao questionar a teoria marxista e a razão dialética como respostas às questões atuais. O pensamento pós-moderno cria uma visão distorcida do real ao abandonar as explicações totalizantes da realidade social, as metanarrativas como o marxismo, valorizando o pragmatismo e o pensamento fragmentário e efêmero.

Esta pesquisa tem como objetivo discutir e analisar o conhecimento teórico oferecido pela instituição empregadora e o buscado pelos Assistentes Sociais no contexto da sociedade capitalista e para a compreensão desta realidade.

A proposta não foi estudar a produção do conhecimento teórico, as pesquisas, livros e demais sistematizações, como, também, não foi estudar como é tratado na formação profissional durante a graduação, mas sim estudar o conhecimento teórico buscado e utilizado pelo Assistente Social na sua prática, ir diretamente ao profissional de Serviço Social no seu espaço sócio-ocupacional, onde se dá a sua atuação e o uso deste conhecimento.

A orientação metodológica desta pesquisa se dá no referencial marxista seguindo a corrente hegemônica do Serviço Social. Compreendemos o papel do sujeito como ativo no sentido de que não pode ficar somente com a aparência do objeto, mas buscar, pela abstração, a sua essência, apreendendo o seu processo dinâmico e as diferentes conexões que são realizadas.

A opção que se faz neste trabalho é pela pesquisa qualitativa pelas possibilidades que esta abordagem oferece na compreensão do objeto em seu movimento dinâmico e em sua totalidade. Entendendo que este objeto está na própria sociedade capitalista, em sua contradição e sob as influências políticas, econômicas e culturais. Por isso, como ressaltado por Martinelli (1999) este

tipo de pesquisa está impregnado de intencionalidades e tem uma opção política definida, está articulado com projeto ético-político-profissional do Serviço Social e com a construção de um novo modelo societário. A pesquisa qualitativa

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1996, p.21-22)

O uso da pesquisa qualitativa não exclui a possibilidade de buscar dados quantitativos que complementem as informações que podemos obter da realidade pesquisada. O quantitativo e o qualitativo são duas abordagens que interagem uma com a outra de forma não dicotomizada (MINAYO, 2002).

Cabe assinalar que esta dissertação foi realizada também através de pesquisa bibliográfica de textos de autores com importantes contribuições das temáticas que foram desenvolvidas por meio da aproximação, análise e reflexão crítica.

Como o foco é no conhecimento teórico procurado e dado ao profissional de Serviço Social, a preocupação na escolha dos sujeitos de pesquisa esteve direcionada a Assistentes Sociais com atuação reconhecida em diferentes áreas e formados em períodos diferentes. Foram no total quatro sujeitos que participaram da pesquisa, sendo: um com atuação em uma empresa; um na área da saúde; e dois na assistência social.

O recurso metodológico escolhido é a entrevista semi-estruturada. A entrevista é uma técnica que permite o contato direto do pesquisador com o entrevistado oferecendo flexibilidade para buscar as informações pertinentes e mais precisas. Utilizamos os seguintes pontos norteadores da entrevista: a importância do conhecimento teórico para a atuação profissional; quais são as fontes de conhecimento teórico buscado (cursos, livros, pesquisa); quais são os cursos/capacitação buscados para o desenvolvimento da prática profissional; quais são os cursos oferecidos pela empresa e qual a avaliação

sobre eles; qual o referencial teórico buscado para subsidiar/explicar a prática profissional e o conhecimento da realidade; qual a relação entre o conhecimento teórico e a prática profissional; e as dificuldade/facilidades na busca do conhecimento teórico.

A estrutura de exposição deste trabalho foi pensada para melhor dar compreensão aos pontos julgados como mais importantes que surgiram durante a execução da pesquisa. Por isso, problematizamos o debate em três eixos norteadores: No primeiro capítulo abrimos a reflexão apresentando o conceito de razão, situando a razão moderna para melhor compreensão da crítica feita sobre ela, inicialmente da Teoria Crítica e depois do irracionalismo pós-moderno; para se contrapor a este pensamento pós-moderno e em suas expressões na sociedade capitalista, no segundo capítulo problematizamos o conhecimento teórico à luz da matriz marxista e a relação teoria e prática, de fundamental importância para a profissão e motivadora desta dissertação; por isso no último capítulo, aproximamos as reflexões realizadas ao contexto do Serviço Social na atualidade e à sua proposta de uma interpretação marxista da profissão.

## Capítulo I

### A RAZÃO MODERNA E SUA CRÍTICA

#### 1.1 A razão

Para que possamos melhor entender o contexto atual e a forma como o profissional se apropria e utiliza o conhecimento teórico na sua atuação como assistente social e as influências neo-conservadoras que invadem a profissão e o irracionalismo tão em voga hoje em dia, é necessário dar um passo atrás e buscar os fundamentos. Para podermos falar como a razão é tratada na pós-modernidade é necessário entender o que é a razão e o que é a razão moderna. Por isso esta dissertação começa tratando sobre a razão e as diferentes abordagens sobre ela.

A preocupação com as questões ligadas a razão são tão antigas quanto a própria filosofia. O pensamento racional, desde o começo da Filosofia tem como objetivo alcançar uma verdade, um conhecimento por meio de um exercício mental que se afaste de outros tipos de atitudes mentais como o conhecimento aparente das coisas, como elas aparecem imediatamente através dos sentidos; das emoções, a paixão, os sentimentos que hora nos dizem uma coisa e depois outra; a crença religiosa e da verdade dada pela fé, a verdade revelada; e do êxtase místico (CHAUÍ, 2002).

Segundo Chauí (2002) a palavra razão tem origem nas palavras *logos* (palavra grega derivada do verbo *leigen* que significa contar, reunir, juntar, calcular) e *ratio* (de origem latina do verbo *reor* que significa contar, reunir, medir, juntar, separar, calcular). Desta forma podemos dizer que razão (*logos*, *ratio*) significa

uma maneira de organizar a realidade pela qual esta se torna compreensível. É, também, a confiança de que podemos ordenar e organizar as coisas porque são organizáveis, ordenáveis,

compreensíveis nelas mesmas e por elas mesmas, isto é, as próprias coisas são racionais. (CHAUÍ, 2002, p. 59)

O conceito de razão e o tratamento dado a ela vai se transformando no desenvolvimento da cultura ocidental por motivos históricos e teóricos. Os pensadores representantes de cada contexto dão sua definição e seu trato baseando-se no que já foi desenvolvido, criticando e elaborando novas questões.

## **1.2 A razão moderna**

O pensamento moderno tem sua origem nos séculos XVI e XVII a partir do desenvolvimento de uma “razão moderna, fundada na astronomia e na física, tendo em Copérnico e Galileu seus principais representantes.” (SIMIONATTO, 1999, p. 79)

É neste momento que o conhecimento passa a se pautar somente na razão deixando de lado as crenças e as explicações baseadas na fé para explicar a realidade. O conhecimento científico ganha forma e respeito baseando-se na observação e experimentação. Esta nova forma de pensar segue seu desenvolvimento nas teorias de Descartes, Bacon e Kant. As concepções de mundo totalizantes (Teorias Sociais) que buscam explicar o mundo através de meta-narrativas como as formuladas por Marx, Comte e Durkheim são herdeiras da razão moderna.

Rouanet (2007), considera a modernidade dentro de uma visão mais ampla denominando -a Iluminismo e a considerando como um movimento, uma razão, não a entendendo apenas como um período determinado da história. Para este autor a modernidade tem três características principais:

- Universalidade – o projeto visava todos os seres humanos, independentemente de barreiras nacionais, étnicas ou culturais;

- Individualismo – “O homem era visto como um átomo, como uma mônada. Essas mônadas deveriam unir-se num contrato para constituírem a vida social” (Ibid. p.210);

- Autonomia – os homens estão aptos a pensar por si mesmos, sem a tutela da religião ou ideologia.

O Iluminismo foi um movimento que teve grande repercussão no século XVII e se desenvolveu especialmente no século XVIII. O termo Iluminismo vem de luz, que vem da razão que ilumina a realidade. Os filósofos iluministas se viam como militantes em difundir a “luz”, através da razão, contra a tradição cultural e institucional vigente na época, “trevas”. O Iluminismo tem como objetivo desmistificar o mundo pela sua interpretação e dirigi-lo para que seja um lugar benéfico, abolindo a ignorância, o sofrimento e a injustiça.

Este movimento se difundiu por diversos países da Europa e teve maior expressão na Inglaterra, onde o grande nome é John Locke, na Alemanha tendo como o principal expoente Kant e na França Voltaire entre outros.

Segundo Rouanet, o Iluminismo tem influência nas duas principais ideologias existentes. Por um lado deu início à realidade tecno-social do mundo contemporâneo ligada ao momento histórico do pensamento liberal capitalista, ela cumpre uma função utilitária e instrumental de produtividade e estabilidade social “Ao mesmo tempo, o Iluminismo é reivindicado, com igual veemência, pelos marxistas. [...] A bandeira do verdadeiro Iluminismo é agora empunhada pela nova classe revolucionária, que luta por uma emancipação universal do gênero humano, indo além da emancipação parcial alcançada durante a Revolução Francesa.” (ROUANET, 1989, p.201).

### **1.3 Bacon e Descartes: Crítica á razão especulativa**

Durante o período Medieval o conhecimento era baseado na forma como a filosofia foi concebida no período clássico, como atividade do pensamento,

contemplativa da verdade, baseada no raciocínio dedutivo. A religião e a verdade revelada exerciam forte influência no conhecimento e o filósofo não se preocupava com a utilidade do conhecimento, seu objetivo era apenas a busca da verdade.

É no período moderno que a razão é entendida em seu caráter utilitário para conhecer e dominar a natureza. Francis Bacon (1561-1626) é considerado o primeiro representante do pensamento moderno, pai da ciência moderna e do empirismo. Bacon desenvolve uma profunda crítica à antiga concepção de ciência desenvolvida durante a Idade Média e constrói a ciência moderna sob um novo paradigma defendendo uma ciência não contemplativa como fator necessário para conhecer e intervir no mundo. Criticando o saber clássico especulativo, ele diz que os comentaristas de Aristóteles, se referindo aos Escolásticos, não passavam de aranhas a tecer teias filosóficas. Valoriza, portanto, o trabalho experimental no processo de conhecimento e de investigação da natureza. Para ele, os estudiosos da natureza deveriam agir como as abelhas, colhendo informações e transformando-as num sistema de conhecimento. A produção do conhecimento sobre a natureza devia basear-se no método experimental: não apenas a reunião de dados, mas a análise cuidadosa da informação produzida pelos experimentos de forma organizada e disciplinada

O intelecto humano, por sua própria natureza, tende ao abstrato, e aquilo que flui, permanente lhe parece. Mas é melhor dividir em partes a natureza que traduzi-la em abstrações. Assim procedeu a escola de Demócrito, que mais que as outras penetrou os segredos da natureza. (BACON, 1999, p. 44)

Ele vai criticar, também, outros pensadores como os alquimistas e os empíricos, que, segundo ele, não seguiam um método coerente e sistemático recolhendo material da natureza ao acaso, pretendendo a descoberta de conhecimentos ocultos.

Suas obras constituíam, por um lado, uma crítica do conhecimento da época, principalmente aos Escolásticos, os Alquimistas e empíricos e, de outro,

propunham um esquema visionário e utópico para a reforma e reconstrução do conhecimento.

Platão narrou, em seu livro chamado *Timeu*, a velha lenda da Atlântida, o continente submerso dos mares ocidentais. Bacon e outros autores identificaram Atlântica como sendo o continente americano. Em seu livro *A nova Atlântica* Bacon descreve uma sociedade imaginária onde reina a felicidade graças a certas características de sua organização baseada na ciência e no conhecimento racional a serviço do homem.

Seguindo esta lógica, Bacon formula a teoria dos ídolos para mostrar as falhas existentes no processo de conhecimento e como estas prejudicam a obtenção da verdade. O primeiro ídolo tratado por ele no *Novum Organum* é o Ídolo da Tribo, que são as dificuldades e os seus limites sensório cognitivos da condição humanas que nos aprisionam na apreensão da realidade. Devido a esta limitação o homem tem de construir máquinas e desenvolver instrumentos que ampliem e superem estas condições e limitações sensório cognitivas.

O segundo ídolo desenvolvido é o da Caverna. Diferente do ídolo anterior que se refere a toda espécie humana, o ídolo da caverna se refere aos condicionantes singulares, pessoais na obtenção do conhecimento. Estes condicionantes construídos *a posteriori* podem ser superados com uma postura, uma visão isenta.

O terceiro é o Ídolo do Foro, este se refere às dificuldades da linguagem, da comunicação dos homens para expressar uma realidade. Isto se dá por existirem diversas línguas e várias formas particulares de expressar e de entender a mesma realidade. A sua proposta de superação se dá desde que se encontre uma linguagem universal.

Por último, os Ídolos do Teatro no qual Bacon expressa seu desacordo com os sistemas filosóficos utilizados para chegar ao conhecimento. Diz que não passam de regras criadas, puras invenções, como uma peça de teatro, que não chegam a lugar nenhum e que invalidam o conhecimento. Ele só acredita em teorias vindas de uma metodologia experimental.

Na concepção de Bacon os avanços dos conhecimentos e das técnicas trariam mudanças sociais e políticas, não só modificando o conhecimento humano, mas, também, o seu modo de viver. A ciência moderna nasce de sua visão de intervenção na natureza para conhecê-la, apropriar-se dela para a dominar e a controlar.

A importância e a principal contribuição de Bacon está na sua defesa do uso do método experimental como chave para a compreensão da natureza. Não foi o primeiro a discutir o papel do conhecimento, mas foi com ele que o conhecimento se tornou o principal agente do progresso das condições materiais de vida e do desenvolvimento da humanidade. A ciência ganha um novo status não servindo apenas para a contemplação da verdade, ela se torna o meio pelo qual o homem exerce seu poder sobre a natureza.

Ao criar e valorizar o saber experimental, Bacon busca afastar o saber especulativo, sem nenhum tipo de experimentação, isto é, a filosofia e a teologia que propõe uma tese sem a necessidade de comprovação experimental que se faz valer pelo poder da autoridade. O saber experimental prova através de um método o valor de uma tese sem se utilizar de argumento de autoridade e persuasivo. O que ele cria é um conhecimento técnico, que está baseado em instrumentos e também na própria regra de experimentação. O saber especulativo, a partir daí, começou a ser considerado como algo menos útil do que o saber técnico.

A técnica pretende uniformizar os instrumentos e a forma de agir no mundo. Ao formular uma técnica que se pretende universal, aplicável a todos os processos em todas as situações, supera os limites do corpo e dos sentidos tudo fica uniformizado e a identidade se perde para o todo.

Esta busca por procedimentos metodológicos precisos para conduzir a razão para o conhecimento completo da realidade e o seu domínio é um traço comum nos pensadores do período moderno.

A insistência no problema do método é crucial, porque o mundo exterior não mais fornece a garantia da certeza do conhecimento. Por

isso, de nada adianta buscar, como fizeram os renascentistas, as relações de semelhança e de simpatia que unem secretamente as partes do mundo entre si e com o todo. A razão não tem mais em que se apoiar a não ser nela mesma, e por isso precisa criar um método seguro (ABRÃO, 1999, p. 187)

Descartes (1596-1650) em seu livro *Discurso do Método* segue esta mesma linha de raciocínio defendendo que o conhecimento é possível e elabora um método que o levaria a verdade racional. O que ele pretende é descobrir uma ciência que seja universal, que forneça respostas em todos os ramos do conhecimento e siga um mesmo modo de investigar seus objetos específicos. Afirma que o que diferencia o homem dos outros animais é a razão e o bom senso, que é o discernimento entre o verdadeiro e o falso, o que varia de um homem para o outro é o seu uso. Como forma de gradativamente aumentar o seu conhecimento e buscar uma verdade primeira que não se possa colocar em dúvida ele desenvolve um método e se propõe duvidar de tudo

a não acreditar com demasiada convicção em nada do que me havia sido inculcado só pelo exemplo e pelo hábito; e, dessa maneira, pouco a pouco, liberei-me de muitos enganos que ofuscam a nossa razão e nos tornar menos capazes de ouvir a razão. (DESCARTES, 1999, p. 42)

Na segunda parte do livro, Descartes descreve seu método que se constitui em:

- "... nunca aceitar algo como verdadeiro que não conhecesse claramente como tal";
- Reduzir a diversidade das coisas à medida comum, repartindo quantas vezes forem possíveis e necessárias;
- "conduzir por ordem os pensamentos, iniciando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer" até os mais compostos;

- Fazer uma revisão geral para ter certeza de que nada foi omitido (Ibid, p. 49-50).

Para ele, essas regras constituem um método científico de alcance universal, que possibilita a compreensão do mundo.

Na quarta parte do livro começa a aplicar o seu método duvidando de tudo o que pudesse supor a menor dúvida para achar algo que fosse incontestável. Esta é uma dúvida metódica e não um duvidar pelo duvidar. Ao tempo que ao pensar que tudo era falso, que tudo duvidava, a única certeza que tinha é que duvidava. Ao duvidar pensava. E daí podia concluir que deveria ser uma coisa que duvidava, uma coisa que pensa. Chega, então, ao *cogito*, “penso, logo existo”. “E, ao notar que esta verdade: *eu penso, logo existo*, era tão sólida e tão correta que as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de lhe causar abalo, julguei que podia considerá-la, sem escrúpulo algum, o primeiro princípio da filosofia que eu procurava.” (Ibid., p.62).

O método é compreendido como o instrumento que assegura a precisão do conhecimento afastando da representação dada somente pelos sentidos do real. Este entendimento coloca o homem como o centro e senhor da verdade, detentor da capacidade de objetivar a realidade e torná-la pensável de forma clara e distinta. Bacon e Descartes dão os principais fundamentos para a construção do pensamento técnico no período moderno, cujo objetivo é a representação objetiva da realidade e o seu controle.

#### **1.4 A dialética do esclarecimento: Crítica à razão instrumental**

Os integrantes da conhecida Escola de Frankfurt são geralmente identificados como sendo os mesmos representantes da Teoria Crítica o que não completamente correto. Antes de pensarmos como se dá a crítica da

Teoria Crítica à razão vale desenvolver um pouco esta questão e esclarecer o que é e quem compõem a conhecida Escola de Frankfurt e a Teoria Crítica.

Nobre (2004) desenvolve bem esta questão ao esclarecer que quando pensamos em uma escola de pensadores logo identificamos um grupo que pensa de forma parecida e segue os mesmos princípios e metodologia. Se observarmos bem os integrantes da assim chamada Escola de Frankfurt, veremos que este padrão de pensamento não é encontrado entre eles. Por isto, podemos compreender que não é completamente adequado se referir a este grupo de pensadores desta forma.

Se, para expressar quem são os integrantes da Escola de Frankfurt, formos utilizar como referência os integrantes do Instituto de Pesquisa Social, fundado em Frankfurt na década de 20 do século passado, com o intuito de estudar e pesquisar as questões referentes ao marxismo, teremos novamente alguns problemas, já que houve um número grande de participantes e nem todos no mesmo período. Além disso, durante a Segunda Guerra Mundial muitos integrantes foram exilados e continuaram os seus trabalhos em escritórios em diferentes locais e trabalhando em temáticas bem diversas.

O termo Escola de Frankfurt surge após a década de 50 quando o Instituto de Pesquisa Social retorna para a Alemanha com alguns dos seus pensadores que foram exilados e desta forma passam a ser denominados os seus integrantes, como explica Nobre (2004). Contudo, esta denominação está mais centralizada nos que assumiram postos de direção, tanto na Universidade de Frankfurt como no Instituto, ou seja, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer<sup>2</sup>.

Adorno e Horkheimer são os grandes expoentes da assim chamada Escola de Frankfurt. Estes pensadores assumem uma posição importante no período do pós-guerra fornecendo e contribuindo no debate de temas

---

<sup>2</sup> Compreendemos que o termo adequado para se referir a estes autores e ao seu pensamento é Teoria Crítica, termo que nasceu com o texto *Teoria tradicional e teoria crítica* (1975) que será trabalhado mais a frente nesta dissertação.

relevantes para a época, como a influência dos meios de comunicação e os Estados totalitários.

São apontadas diversas influências teóricas nestes pensadores como Kant, Nietzsche, Heidegger, Spengler, Korsch e Lukács de quem desenvolveram conceitos como o de fetichização, mas, com certeza, a influência mais marcante é a de Karl Marx. De Marx herdaram alguns elementos como a análise do capitalismo e o método dialético de interpretação da história. O Instituto de Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*), ao ser fundado, era para ter o nome de Instituto para o Marxismo (*Institut für Marxismus*), mostrando claramente a opção teórica e política de seus integrantes. O nome foi mudado para Instituto de Pesquisa Social por que o marxismo era visto com muita reserva na época e haviam poucos professores especializados, por isso foram feitos vários acordos com a Universidade e o Ministério da Educação para a sua aprovação.

Almeida (2006) ao explicar o termo “esclarecimento” utilizado na tradução da obra *Dialética do Esclarecimento* escrita por Adorno e Horkheimer (2006), justifica a escolha do termo que também pode ser traduzido por “iluminismo” ou “ilustração”, afirmando que o “esclarecimento” melhor traduz o significado da palavra, não apenas por expressar o conceito histórico-filosófico, mas, também, por ser um termo utilizado na linguagem cotidiana. *Aufklärung* (em alemão) e esclarecimento (em português) são correspondentes exatos e designam “... o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (religiosas, políticas, sexuais, etc.).” (ALMEIDA apud ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 7)

Adorno e Horkheimer utilizam o conceito “esclarecimento” fazendo uma referência ao texto de Kant *Resposta à pergunta: Que é ‘esclarecimento’?* escrito em 1783. Para Kant, esclarecimento é a “saída do homem de sua menoridade da qual ele próprio é culpado”. (KANT, 1985, p.101).

Menoridade, neste sentido, é compreendida como a condição do homem ao deixar de pensar e entender por si próprio, entregando este direito a outro

indivíduo. Ainda na visão de Kant, se a menoridade não se dá devido à falta de entendimento, existe por causa da falta de coragem, por preguiça, por falta de decisão do sujeito em assumir a sua própria posição. Ficar na menoridade, entregando todo o esforço a tarefa de pensar e tomar decisões é uma atitude fácil e confortável. O homem faz isso ao ser apenas um seguidor de doutrinas e pensamentos vindo de professores, padres, livros, superior hierárquico, entre outros que assumem a posição de maioridade. Para Kant, ficar na posição de menoridade favorece que a saída para a maioridade seja cada vez mais difícil, tanto porque quem está na maioridade detêm os elementos para conservar o seu poder, como também, porque a menoridade acomoda o indivíduo de uma forma tal que chega a ser quase que parte de sua natureza.

Para que seja possível que as pessoas assumam o esclarecimento é necessário, segundo Kant, ter liberdade de “fazer uso *público* de sua razão em todas as questões” (KANT, 1985, p. 104). Ou seja, extrapolar o cargo, função e doutrina da instituição que representa, mesmo que tenha que se posicionar contrário a ela e poder falar o que pensa com liberdade e em seu próprio nome publicamente.

O objetivo de Adorno e Horkheimer ao fazerem um estudo da dialética do esclarecimento era o de entender por que a humanidade caminha em direção à barbárie apesar de todo o desenvolvimento intelectual e do domínio sobre diferentes técnicas e controle dos processos naturais. Eles procuraram fazer uma relação da racionalidade, e de sua utilização para dominação da natureza, com a realidade social.

Adorno e Horkheimer dão um novo tratamento ao estudo do desenvolvimento da racionalidade. Para eles a racionalidade ou o esclarecimento é o “desencantamento do mundo”. Esta atitude não está focada em um período específico, está presente desde a criação dos mitos e a criação de explicações racionais. A razão não nasce com a Filosofia ao negar o pensamento mítico. No entendimento deles o mito, ao tentar controlar e manipular a natureza através dos feitiços, rituais e suas explicações, já

antecipava o espírito racionalizador que se desenvolveu na sociedade ocidental e na ciência moderna.

Os homens estavam em uma situação de subordinação à natureza, estavam sujeitos a todos os fenômenos naturais que os atingiam cotidianamente, se sentiam com medo diante de uma realidade que não compreendiam. O sol, as chuvas, as mudanças climáticas, o mar, o oceano, os animais e a grande e vegetação, tudo era grande e poderia ser perigoso para o homem. A primeira forma encontrada pela humanidade para passar desta posição de dominado para a de dominante foi através de explicações míticas, atribuindo poderes ocultos a natureza. Os mitos já expressam o objetivo do esclarecimento de dominar a natureza pelo seu entendimento, pelo saber, “o mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 20). O homem iniciou um processo de “desencantamento do mundo”, ou seja, entendê-lo, racionalizá-lo para dominá-lo.

Este desencantamento do mundo foi potencializado quando os mitos foram registrados, deixando de serem transmitidos oralmente. Adorno e Horkheimer direcionam a sua crítica a Homero que ao registrá-los fez com que os mitos deixassem de ser relatos para se tornar doutrina, substituiu a imaginação pelo saber.

O mito original já contém o aspecto da mentira que triunfa no caráter embusteiro do fascismo e que esse imputa ao esclarecimento. Mas nenhuma obra presta um testemunho mais eloqüente do entrelaçamento do esclarecimento e do mito do que a obra homérica, o texto fundamental da civilização européia. Em Homero, epopéia e mito, forma e conteúdo, não se separam simplesmente, mas se confrontam e se elucidam mutuamente. O dualismo estético atesta a tendência histórico-filosófica (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 49)

Frente a uma realidade diversificada e que se mostra de diferentes formas, em sua multiplicidade, o esclarecimento é exercido na tentativa de captar as coisas pela unidade. O mito narra a origem das coisas por meio de

lutas, alianças e relações sexuais entre forças sobrenaturais que governam o mundo e o destino dos homens. Os fenômenos da natureza, os sentimentos eram representados por imagens personificadas e suas ações. Diferentemente dos mitos, a racionalidade moderna pretende dominar a natureza sem a representação de recursos ilusórios. O que importa é o que se reduz a cálculos, funções e utilidades.

Os mitos, como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina e poder que Bacon enaltece como objetivo a se alcançar. O lugar dos espíritos e demônios locais foi tomado pelo céu e sua hierarquia; o lugar das práticas de conjuração do feiticeiro e da tribo, pelo sacrifício bem dosado e pelo trabalho servil mediado pelo comando. As deidades olímpicas não se identificam mais diretamente aos elementos, mas passam a significá-los (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 20-1)

A ciência moderna deposita as suas forças na razão e pretende vencer a superstição e a multiplicidade da natureza buscando o seu desencantamento pelo entendimento e acabando com a forma mítica de pensar. Como disse Bacon, “saber é poder”, e é pelo conhecimento que a humanidade pode colocar a natureza sob o seu jugo e a técnica é o método pelo qual exerce este seu poder.

A técnica é apontada como a essência desse saber em busca do método para exercer o seu poder sobre a natureza, o trabalho de outros e o capital reduzindo tudo ao que pode ser identificado, compreendido e quantificado e assim manter sob o seu jugo.

A crítica que Adorno e Horkheimer fazem à razão é que ao alcançar o seu triunfo ela fracassa internamente em si mesma. Enquanto o esclarecimento busca se afastar do mito acaba, em seu movimento dialético, caindo em sua contradição, retornando ao mito reproduzindo-o em seus aspectos de reprodutibilidade e substituibilidade.

O grande erro do pensamento esclarecido foi o de não aceitar nele mesmo o movimento dialético. Dentro da razão está a sua negação, uma desrazão, o que a leva a estupidez e ao primitivismo.

A crise da razão está em sua tentativa de harmonizar elementos contraditórios com a identidade. Ao tentar conhecer, entender, categorizar e catalogar a natureza em sua identidade, a razão esquece o discordante, da negação existente no objeto e cai na sua contradição. Ao separar o sujeito do objeto e o colocar na posição de senhor dominador alienando-o do objeto pensado, faz com que ele se aliene de si próprio. A racionalidade levou a sociedade a sua inumanidade.

O esclarecimento e a razão instrumental alcançam o seu apogeu cumprindo a sua função utilitária e instrumental de produtividade e estabilidade social no pensamento capitalista e o positivismo é a sua expressão ideológica. O positivismo é a expressão última do esclarecimento, serve como instrumento para respaldar a ordem social.

O resultado desta forma de pensar o mundo é a perda da verdadeira subjetividade e isto se dá pela perda da capacidade de discernir uma coisa de outra, o fim das diferenças. Assim a filosofia perde a sua função crítica e sua função social. Deixa de desempenhar a sua crítica das condições humanas e a crítica social. A razão é utilizada de forma pragmática para aumentar a riqueza mediante o incremento da racionalidade tecnológica.

O esclarecimento é totalitário como qualquer outro sistema. Sua inverdade não está naquilo que seus inimigos românticos sempre lhe censuraram: o método analítico, o retorno aos elementos, a decomposição pela reflexão, mas sim no fato de que para ele o processo está decidido de antemão. Quando, no procedimento matemático, o desconhecido se torna a incógnita de uma equação, ele se vê caracterizado por isso mesmo como algo de há muito conhecido, antes mesmo que se introduza qualquer valor. A natureza é, antes e depois da teoria quântica, o que deve ser apreendido matematicamente. Até mesmo que não se deixa compreender, a indissolubilidade e a irracionalidade, é cercado por teoremas

matemáticos. Através da identificação antecipatória do mundo totalmente matematizado com a verdade, o esclarecimento acredita estar a salvo do retorno do mítico. Ele confunde o pensamento e a matemática (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 32-3)

Assim como ocorreu nas ciências naturais, a matematização positivista do mundo se estende às ciências sociais e as relações entre os homens. A categorização dos processos naturais e dos objetos é realizada também em todos os outros campos do saber. O que vale para esta forma de entender e interpretar o mundo são os fatos, o que é observável, o que é perceptível e pode ser quantificado. Da realidade é retirado o que é abstrato e especulativo. Desta forma o controle do mundo, dos processos sociais e do outro através da divisão do trabalho, é realizado. A ordem social é reproduzida como é reproduzida a ordem científica.

O problema do esclarecimento, ou seja, o seu movimento dialético que o leva ao seu oposto, é o ponto de partida para o entendimento das críticas feitas ao processo de auto-conservação do esclarecimento. Se o projeto do esclarecimento e o desenvolvimento da racionalidade que levou a evolução da sociedade e da humanidade, pode ser considerada a tese, a sua contradição que levou esta mesma sociedade a barbárie e a alienação é a antítese. A pergunta que fica é: onde está a síntese, o momento no qual haveria uma superação da negação levando a sociedade a um outro patamar? Dentro desta problemática Adorno e Horkheimer desenvolvem o conceito de “capitalismo administrado” ou “mundo administrado” e demonstram o movimento auto-regulador da sociedade em sua organização que impede a sua transformação. Para eles, diferentemente das outras fases do capitalismo, a liberal ou concorrencial e monopolista, que apontavam as perspectivas de superação do capital e a sua abolição, o mundo administrado é organizado de forma tal que se fecha sobre si mesmo, impedindo qualquer possibilidade de transformação social, garantido a sua conservação.

Neste novo modelo capitalista o mercado não é auto-regulado, pelo contrário, ele é controlado politicamente através da burocracia instrumental.

Esta forma de controle e racionalidade não se dá apenas no campo econômico, ela está presente nas relações sociais.

Racionalidade e realidade social estão entrelaçadas. A razão humana e a verdade estão na técnica e na sua função instrumental no mundo administrado. A ação do homem ao invés de o levar à emancipação só o faz contribuir para a manutenção do sistema de forma conformista e adaptada, alienada da compreensão dos mecanismos que os dominam.

A razão, ao alcançar o seu sucesso e ideal esclarecedor, alcança ao mesmo tempo o seu fracasso e o homem que domina a natureza é dominado por ele mesmo, e alienado de si e do objeto que domina perde sua identidade.

### **1.5 Pós-Modernidade: Crítica da razão indolente**

Uma outra crítica a razão moderna é a que é feita por Boaventura de Souza Santos em seu livro *Crítica da razão indolente* (2007), a proposta deste capítulo é fazer uma breve apresentação da sua perspectiva que, apesar de se contrapor a Teoria Crítica e a visão marxista hegemônica no Serviço Social e adotada nesta dissertação, se faz necessária para o entendimento e debate de novas teorias de viés neoconservador que recentemente vem ganhando força dentro do Serviço Social.

O tema principal tratado no livro é o que ele chama de “transição paradigmática”, a morte de um paradigma e o surgimento de um novo. Ou seja, a morte ou o fim do paradigma da modernidade e o surgimento ou o início do paradigma chamado de “pós-moderno”. Em sua opinião estamos, atualmente, assistindo a realização deste processo.

No seu entender, a transição paradigmática tem duas dimensões principais: a epistemológica e a societal. Como transição do paradigma societal ele entende como o da sociedade patriarcal, de democracia autoritária, com desenvolvimento global desigual e excludente para um ou um conjunto de

paradigmas que não sabe o que é, ainda não consegue identificar, ainda não estão devidamente claros. Esta dificuldade de identificar alguns aspectos deste novo paradigma se dá devido estar acontecendo no momento atual o que dificulta, atrapalha ver no que está se tornando.

Não concorda com a posição da Teoria Crítica moderna por considerar que ela faz a sua crítica ao paradigma dominante sob o viés moderno e é ineficaz ao tentar desenvolver emancipação dentro do próprio paradigma que critica. Ao fazer a crítica da razão moderna utilizando-se da mesma para isso, a Teoria Crítica não se desvencilha dos modelos regulatórios desta razão. A proposta de Santos é desenvolver um novo paradigma, utópico, que rompe tanto com os modelos emancipatórios como regulatórios do paradigma dominante.

a tese defendida neste livro é que deixou de ser possível conceber estratégias emancipatórias genuínas no âmbito do paradigma dominante já que todas elas estão condenadas a transformar-se em outras tantas estratégias regulatórias. Em face disto o pensamento crítico para ser eficaz tem de assumir uma posição paradigmática: partir de uma crítica radical do paradigma dominante tanto dos seus modelos regulatórios como dos seus modelos emancipatórios para com base nela e com recurso à imaginação utópica desenhar os primeiros traços de horizontes emancipatórios novos em que eventualmente se anuncia o paradigma emergente (SANTOS, 2011, p. 16)

Para Santos (2011), a Teoria Crítica pelo “desconforto, inconformismo, ou indignação” critica a realidade e vai além do que ela oferece, do que existe, cria pela crítica uma nova “possibilidade de existência” (p. 23). A Teoria Crítica moderna tem como base a interrogação crítica da sociedade naquilo que lhe causa desconforto. Entende como Teoria Crítica

toda a teoria que não reduz a ‘realidade’ ao que existe. A realidade qualquer que seja o modo como é concebida é considerada pela teoria crítica como um campo de possibilidades e a tarefa da teoria consiste precisamente em definir e avaliar a natureza e o âmbito das alternativas ao que está empiricamente dado. A análise crítica do que

existe assenta no pressuposto de que a existência não esgota as possibilidades da existência e que portanto há alternativas susceptíveis de superar o que é criticável no que existe. O desconforto o inconformismo ou a indignação perante o que existe suscita impulso para teorizar a sua superação. (SANTOS, 2011, p.23)

Ao tratar da Teoria Crítica moderna Santos utiliza muito da concepção de Teoria Crítica de Horkheimer como uma teoria que está fundada epistemologicamente na crítica e superação separação que a teoria tradicional, burguesa, faz entre o sujeito que pesquisa e conhece a sociedade, que produz conhecimento e a sua ação nesta sociedade. Segundo Santos, no entendimento de Horkheimer, a sociedade segue a vontade particular do capitalismo que a leva a um irracionalismo. O contrário disso seria seguir “uma vontade unida e autoconsciente” (HORKHEIMER, 1972, apud SANTOS, 2011, p. 25).

Na opinião de Santos produzir Teoria Crítica nos dias de hoje não é uma tarefa fácil e possível. Em primeiro lugar, porque muitos dos conceitos usados pela Teoria Crítica perderam a sua centralidade. Os conceitos a que ele se refere são: “classe, conflito, elite, alienação, dominação, exploração, racismo, sexismo, dependência, sistema mundial, teologia da libertação” (SANTOS, 2011, p. 25). Em segundo lugar, porque a “sociologia convencional” – e ele considera assim tanto os positivistas como os antipositivistas – perdeu sua força, realiza uma “crítica assente” (Ibid). Pelo lado positivista por causa do seu rigor metodológico e por analisar apenas o que já existe e não as possibilidades daquela realidade, as alternativas que existem àquilo. E pelo lado antipositivista “na idéia de que o cientista social não pode impor as suas preferências normativas por carecer de um ponto de vista privilegiado para o fazer” (Ibid.).

Começa assim a discutir os fatores que dificultam a construção de uma Teoria Crítica na atualidade. A primeira discussão que faz é sobre a totalidade, entendida na Teoria Crítica de Horkheimer e da tradição marxista. E dentro deste conceito de totalidade ele considera a teoria marxista igual as demais teorias sociais, apenas se distinguindo pelos seus pressupostos.

uma forma de conhecimento ele próprio total como condição de abarcar credivelmente a totalidade social; um princípio único de transformação social, e um agente coletivo, igualmente único, capaz de a levar a cabo; um contexto político institucional bem definido que torne possível formular lutas credíveis à luz dos objetivos que se propõem (SANTOS, 2011, p. 26)

Ao contrário de alguns pensadores como Harvey (2010) Santos não considera Foucault como um teórico pós-moderno. O coloca como o último representante da teoria crítica moderna que se ateu a questionar a ciência moderna como um conhecimento totalizante da modernidade. No entender de Santos, Foucault não considera possíveis saídas emancipatórias dentro da ciência moderna, pois elas acabam por se transformar em “poder disciplinar”. E oferece um mérito para Foucault por ter mostrado os limites da ciência moderna e por valorizar outras formas de conhecer não aceitas pela ciência moderna.

Para Santos as promessas feitas pela modernidade não foram cumpridas, a modernidade não conseguiu alcançar e além de não as cumprir, estas promessas se tornaram um problema que a própria modernidade não tem condições de resolver. A sua posição é resumida da seguinte forma:

- “não há um princípio único de transformação social”
- “não há agentes históricos únicos”
- não há “uma forma única de dominação”
- “são múltiplas as faces da dominação e da opressão”
- por isso “são múltiplas as resistências e os agentes que as protagonizam”
- como não tem um princípio único “não é possível reunir todas as resistências e agências sob a alçada de uma grande teoria comum”

- o que é necessário não é uma teoria comum, mas sim uma “teoria da tradução” que permita a estes diferentes atores “conversarem” sobre o que os oprime e suas aspirações (SANTOS, 2011, p. 27)

Para responder a estas questões colocadas pela modernidade é que está surgindo e está havendo esta transição para um novo tipo de pensamento, o pós-moderno. Esta teoria pós-moderna é distinguida por Santos em dois tipos diferentes: a reconfortante e a inquietante ou de oposição.

Como “pós-modernidade reconfortante” considera que é a que se posiciona sobre os problemas da modernidade da seguinte forma: por “... não haver soluções modernas é indicativo de que provavelmente não há problemas modernos, como também não houve antes promessas da modernidade. Há, pois, que aceitar e celebrar o que existe” (Ibid., p. 29).

Já a “pós-modernidade inquietante ou de oposição” considera que “... a disjunção entre a modernidade dos problemas e a pós-modernidade das possíveis soluções deve ser assumida plenamente e deve ser transformada num ponto de partida para enfrentar os desafios da construção de uma teoria crítica pós-moderna” (Ibid.).

A modernidade ocidental teve seu início nos séculos XVI e XVII e seu paradigma “sócio-cultural assente numa tensão dinâmica entre regulação social e emancipação social” (Ibid., p. 15). O paradigma da modernidade se juntou com o capitalismo no século XIX e, a partir de então, começa a se degradar ao transformar as energias emancipatórias em energias regulatórias.

A ciência moderna se tornou uma ciência reguladora se sobrepondo a emancipação. Isso se deu quando ela se tornou hegemônica e a Teoria Crítica, também, se tornou em um “conhecimento-regulação” ao deixar de lado a crítica epistemológica da ciência moderna “umas das fraquezas da teoria crítica moderna foi não ter reconhecido que a razão que critica não pode ser a mesma que pensa, constrói e legitima aquilo que é criticável” (Ibid., p. 29)

Segundo Santos o conhecimento é uma trajetória da ignorância o conhecimento, de um determinado ponto A para um ponto B. A modernidade

valorizou “o conhecimento regulação” vai do ponto “caos” para o ponto “ordem” e o projeto da pós-modernidade valoriza o “conhecimento emancipação” vai do ponto de ignorância “colonialismo” para o ponto de saber “solidariedade” (Ibid.).

A crítica do conhecimento é o ponto de partida da teoria crítica pós-moderna e começa fazendo isso onde a ciência moderna deixou de focar seus esforços, ou seja, no conhecimento emancipação. Neste, o ponto de ignorância é o colonialismo, que é “a concepção do outro como objeto e conseqüentemente o não reconhecimento do outro como sujeito” (Ibid., p. 30). O ponto de saber é o conhecimento-solidariedade, o conhecimento que reconhece o outro como sujeito, produtor de conhecimento. Isso significa sair do monoculturalismo e ir para o multiculturalismo. O conhecimento-regulação desvalorizou e destruiu o saber que não se enquadrava a ele, como o saber popular. Isso silenciou os povos que detinham este saber até mesmo na luta por suas necessidades e aspirações.

O autor faz uma crítica a Teoria Crítica moderna que ficou na dicotomia determinismo/contingência. O determinismo virou uma saída para não ter que pensar despreguiçosamente, como uma saída, ou não saída para a transformação social e a sua impossibilidade. A contingência/fragmentação se tornou uma alternativa para ocupar o espaço deixado pelo determinismo. A teoria crítica moderna passou a defender mais as práticas existentes do que a formular expectativas de uma nova realidade, devido a influência da globalização e o capitalismo selvagem. E isso acaba por favorecer a defesa do *status quo*. Ou a fazer a transformação conservadora, mudar a qualidade política do *status quo*, um “revolucionarismo conservador” (Ibid., p. 34)

A teoria crítica moderna sempre se manteve na espera com esperança, espera por ser uma atitude frente ao que existia, mas mantendo a outra realidade como possível e era esperança porque a outra realidade almejada é melhor do que a existente.

Num contexto de espera sem esperança, a teoria crítica tem apenas a alternativa de lutar contra a inevitabilidade dos riscos. Para isso, porém, tem de assumir uma posição explicitamente utópica, uma

posição que sempre teve, mas que durante muito tempo clamou não ter. [...] A utopia é, assim, o realismo desesperado de uma espera que se permite lutar pelo conteúdo da espera, não em geral mas no exato lugar e tempo em que se encontra. (SANTOS, 2011, p. 36)

A proposta de Santos é ter a esperança como uma possibilidade de criar experiências de resistências locais onde possam criar alternativas de experimentação utópicas que só podem existir ali, naquela realidade.

À teoria crítica compete, em vez de generalizar a partir dessas alternativas em busca da Alternativa, torná-las conhecidas para além dos locais e criar, através da teoria da tradução, inteligibilidades e cumplicidades recíprocas entre diferentes alternativas em diferentes locais. A criação de redes translocais entre alternativas locais é uma forma de globalização contra-hegemônica – a nova face do cosmopolitismo (Ibid.)

## 1.6 Crítica ao irracionalismo e o pensamento pós-moderno

Em contraponto às diferentes abordagens pós-modernas, como a apresentada acima, utilizo como principal referência o estudo de David Harvey desenvolvido no livro *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* (2010) onde o autor identifica os conceitos de modernidade e pós-modernidade e desenvolve sua tese sobre as mudanças culturais, políticas e econômicas sentidas desde o começo da década de 70 do século passado, até os dias de hoje, citando três aspectos que estão relacionados com a forma como experimentamos a relação tempo e espaço, sendo eles: “ascensão de formas culturais pós-modernas; (...) emergências de modos mais flexíveis de acumulação do capital; (...) e um novo ciclo de ‘compressão do tempo-espaço’ (p. 7).

O autor começa ilustrando esta mudança com a análise de Jonathan Raban (RABAN, 1974, apud HARVEY, 2010) para quem a cidade estava se desenvolvendo dentro de um “sistema racionalizado e automatizado de

produção e consumo”, de “individualismo e empreimentismo” que se baseia na posse e pela aparência (Ibid., p. 15). Ele descreve uma cidade comparando com uma enciclopédia, mas nega que os indivíduos sigam modelos racionais como itens desta enciclopédia, na verdade, para ele, esta enciclopédia é um livro de rabiscos de um louco que faz o que quer seguindo um sistema aleatório e caótico. Harvey usa este exemplo procurando analisar não a idéia de Raban em si, mas sim como ela conseguiu ter força ao ser aceita.

Harvey aponta os problemas, críticas e contradições do modernismo ao apresentar o conceito de Berman (BERMAN, 1982, apud HARVEY, 2010) que considera o moderno na conjunção entre o eterno e imutável e o efêmero e o fugidio, na contradição de poder construir e destruir. Para ele “a única coisa segura da modernidade é a sua insegurança, e até a sua inclinação para “o caos totalizante” (Ibid., p. 22). Em Habermas também identifica estas características no projeto da modernidade

Na medida em que ele também saudava a criatividade humana, a descoberta científica e a busca da excelência individual em nome do progresso humano, os pensadores iluministas acolheram o turbilhão de mudança e viram a transitoriedade, o fugidio e o fragmentário como condição necessária por meio da qual o projeto modernizador poderia ser realizado. [...] Escritores como Condorcet, observa Habermas (1983,9), estavam possuídos ‘da extravagante expectativa de que as artes e as ciências iriam promover não somente o controle das forças naturais como também a compreensão do mundo e do eu, o progresso moral, a justiça das instituições e até a felicidade dos seres humanos’.” (HARVEY, 2010, p. 23)

Harvey procura fazer a relação do modernismo com o desenvolvimento histórico como um fenômeno urbano, pontuando que, antes da Primeira Guerra Mundial, se apresenta como uma reação aos aspectos trazidos pela revolução industrial, como as condições de produção, o crescimento das grandes cidades e migrações, os novos modos de transporte, comunicação e consumo.

George Simmel (SIMMEL, 1911, apud HARVEY, 2010) interpreta que fomos respondendo as novas situações em viver em grandes centros urbanos

libertados da dependência, com liberdade individual o que foi conquistado ao tratar os “outros em termos objetivos e instrumentais”, de forma fria, nos intercâmbios monetários na “proliferante divisão do trabalho” (Ibid., p. 34).

O iluminismo buscava um modo de representação e entendimento do mundo de uma forma única e depois de 1848 isso começou a ruir

As mudanças por certo foram afetadas pela perda da fé na inelutabilidade do progresso e pelo crescente incômodo com a fixidez categórica do pensamento iluminista. Esse incômodo veio em parte do caminho turbulento da luta de classes, em particular depois das revoluções de 1848 e da publicação do *Manifesto Comunista*. Antes disso, pensadores da tradição iluminista, como Adam Smith ou Saint-Simon, podiam razoavelmente alegar que, uma vez derrubadas as grades das relações de classe feudais, um capitalismo benevolente (organizado quer pela mão invisível do mercado ou pelo poder de associação tão defendido por Saint-Simon) poderia trazer os benefícios da modernidade capitalista para todos. Essa tese, vigorosamente rejeitada por Marx e Engels, tornou-se menos sustentável à medida que o século passava e as disparidades de classe produzidas no âmbito do capitalismo se tornavam cada vez mais evidentes. O movimento socialista contestava cada vez mais a unidade da razão iluminista e inseriu uma dimensão de classe no modernismo (HARVEY, 2010, p. 37)

Para Harvey o Movimento de 1968 tem de ser considerado “o arauto cultural e político” para o surgimento do pensamento pós-moderno quando a razão moderna passa a ser questionada e toma forma um tipo de pensamento onde o efêmero, o fragmentário, o descontínuo e o caótico tomam força. “Isso desembocou numa vigorosa denúncia da razão abstrata e numa profunda aversão a todo projeto que buscasse a emancipação humana universal pela mobilização das forças da tecnologia, da ciência e da razão.” (HARVEY, 2010, p. 46)

Considera o pós-modernismo como uma reação ao modernismo reconhecendo que esta não é uma tarefa fácil até mesmo porque o próprio termo “modernismo” é confuso. Há alguns elementos ajudam na definição

destes conceitos, dentro do modernismo podemos relacionar: positivista, tecnocêntrico, racionalista, progresso linear, verdades absolutas, planejamento racional, ordens sociais ideais, padronização do conhecimento e da produção, razão manipuladora, fetiche da totalidade, ciência e filosofia com suas grandiosas reivindicações metafísicas, metanarrativas, história humana universal. Já no pós-modernismo encontramos: heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras, redefinição do discurso cultural, fragmentação, indeterminação, desconfiança dos discursos universais ou totalizantes, pragmatismo na filosofia, descontinuidade, rejeição das metanarrativas, pluralismo, jogos de linguagem.

O pós-modernismo faz a aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico, como o conceito de modernismo baudelairiano, visto anteriormente, mas como a diferença que o pós-modernismo permanece aí neste campo e não tenta superá-lo, se opor, transcender, ele aceita esta fragmentação e o caótico como se fosse tudo o que existisse.

Começo com o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos 'eternos e imutáveis' que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se espoja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse (HARVEY, 2010, p. 49)

Segundo Harvey, Foucault e Lyotard são dois representantes do pós-modernismo, pois atacam todos os tipos de metalinguagem, metanarrativa ou metateoria. Deste modo se contrapõem aos esquemas interpretativos totalizantes como o de Marx e outros pensadores e à práxis que intervém no mundo baseada nestas teorias, favorecendo uma ação pragmática e focalista.

O pós-modernismo quer que aceitemos as reificações e partições, celebrando a atividade de mascaramento e de simulação, todos os fetichismos de localidade, de lugar ou de grupo social, enquanto nega

o tipo de metateoria capaz de apreender os processos político-econômicos (fluxos de dinheiro, divisões internacionais do trabalho, mercados financeiros etc.), que estão se tornando cada vez mais universalizantes em sua profundidade, intesidade, alcance e poder sobre a vida cotidiana (Ibid., p. 112)

O pensamento pós-moderno trás, em suas referências, a influência da concepção neoconservadora e se posiciona contra a razão e os diferentes modelos de explicação do real em suas macro-abordagens e macro-narrativas. A razão é entendida “como instrumento de repressão e padronização” ressaltando a “importância do fragmento, do intuitivo, do efêmero e do microsocial (em si mesmos)” (YAZBEK, 2005, p. 157).

Mas como lidar com uma totalidade que não pode ser compreendida e que está em perpétua mudança defendendo o fragmentário? A resposta pós-modernista é o pragmatismo e a ação localizada em domínios isolados. Então não vale a pena se envolver em projeto global e mudanças estruturais.

A ação só pode ser concebida e decidida nos limites de algum determinismo local, de alguma comunidade interpretativa, e os seus sentidos tencionados e efeitos antecipados estão fadados a entrar em colapso quando retirados desses domínios isolados, mesmo quando coerentes com eles (HARVEY, 2010, p. 56)

Ao tratar sobre os pressupostos psicológicos e que tipo de indivíduos, psicologicamente falando, a sociedade pós-moderna cria ou tem, Harvey contrapõe o paranóide e o esquizofrênico, lembrando que a esquizofrenia que se enquadra na fragmentação, instabilidade da linguagem e dos discursos, não consegue relacionar passado com presente e futuro. Desta forma a alienação, no sentido marxista, não é mais possível devido no período pós-moderno o homem não ter nem mesmo um sentido de “eu” coerente. Segundo Harvey, citando Jameson, “a alienação de sujeito é deslocada pela fragmentação do sujeito” (JAMENSON, 1984, apud HARVEY, 2010, p. 57). Sob a lógica do lucro a sociedade capitalista se estruturou de tal forma onde as relações de produção tem impacto direto na sociedade. Estas relações econômicas, super valorizadas dentro deste sistema assume um poder tal, que são entendidas

como acima das relações humanas. São interpretadas como relações entre mercadorias e coisas e não como relações entre pessoas produtivas.

Na sociedade capitalista o trabalho realizado pelos homens, as relações sociais em geral e até mesmo a subjetividade humana são tratados como sendo coisas, como fenômenos inanimados que podem ser quantificados assumindo um valor econômico. A relação entre os homens se transforma em uma relação entre mercadorias, ficando o homem apagado frente às relações de troca.

O advento de uma economia do dinheiro, alega Marx, dissolve os vínculos e relações que compõem as comunidades 'tradicionais', de modo que o 'dinheiro se torna a verdadeira comunidade'. Passamos de uma condição social em que dependemos de maneira direta de pessoas a quem conhecemos pessoalmente para uma situação em que dependemos de relações impessoais e objetivas com outras pessoas. Com a proliferação das relações de troca, o dinheiro aparece cada vez mais como 'um poder exterior aos produtores e independentes deles', razão pela qual o que 'originalmente surge como meio de promoção da produção torna-se uma relação alheia' a eles. A preocupação com o dinheiro domina os produtores. O dinheiro e a troca no mercado põem um véu, 'mascaram' as relações sociais entre as coisas. Essa condição é denominada por Marx 'fetichismo da mercadoria'. Trata-se de uma das mais importantes percepções marxianas, porque apresenta o problema da interpretação das relações reais, mas mesmo assim superficiais, que podemos observar prontamente no mercado em termos sociais (...).

(...)As preocupações pós-modernistas com o significante e não com o significado, com o meio (dinheiro) e não com a mensagem (o trabalho social), com a ênfase na ficção e não na função, nos signos em vez das coisas, antes na estética do que na ética, sugerem um reforço, e não uma transformação, do papel do dinheiro descrito por Marx (Ibid., p. 98-99)

Mesmo colocando estes pontos negativos do capitalismo o relacionando como modernismo e com o surgimento do pós-modernismo, Harvey cita alguns aspectos positivos da modernização capitalista como o potencial comando da

natureza, novas possibilidades culturais, possibilidade de substituir o trabalhador fragmentado pelo plenamente desenvolvido, redução das barreiras espaciais, acesso a produtores e contato com todo o mundo, revoluções na força produtiva, na tecnologia e na ciência.

O problema, no entanto, consistia em nos libertar dos fetichismos das trocas de mercado e desmistificar (e, por extensão, desmitologizar) o mundo histórico e social exatamente da mesma maneira. Essa foi a tarefa científica a que Marx se dedicou em *O Capital* (Ibid., p. 106)

O pós-modernismo também tem o seu lado positivo ao aceitar e ter a preocupação como a diferença, com o diferente, com as dificuldades de comunicação, os diferentes interesses de culturas e lugares, de subjetividade, de gênero, de raça e de classe (HARVEY, 2010).

Como pode ser observado em todos estes apontamentos sobre o modernismo e o pós-modernismo, esta é uma discussão muito complexa e, por vezes, discordante. Na conclusão do autor o pós-modernismo se apresenta muito mais como uma continuidade do que uma diferença e ruptura do moderno. Para ele, o pós-modernismo se parece mais como uma “crise” do modernismo onde se enfatiza e ganha força o lado fragmentário, efêmero e caótico que já é presente, como mostra o conceito de Baudelaires. Estes elementos estão presentes tanto na modernidade quanto na pós-modernidade, mas assumindo posições diferentes, sendo muito importante por longo tempo na modernidade e ganhando um grande poder na pós-modernidade, que exagera ao criticar as metateorias.

Mas o pós-modernismo, com sua ênfase na efemeridade da jouissance, sua insistência na impenetrabilidade do outro, sua concentração antes no texto do que na obra, sua inclinação pela desconstrução que beira o niilismo, sua preferência estética, em vez da ética, leva as coisas longe demais. Ele as conduz para além do ponto em que acaba a política coerente, enquanto a corrente que busca uma acomodação pacífica com o mercado o envereda firmemente pelo caminho de uma cultura empreendedimentista que é o marco do neoconservadorismo reacionário. Os filósofos pós-modernos nos dizem que não apenas aceitamos mas até nos

entreguemos às fragmentações e à cacofonia de vozes por meio das quais os dilemas do mundo moderno são compreendidos. Obcecados pela desconstrução e pela deslegitimação de toda espécie de argumento que encontra, eles só podem terminar por condenar suas próprias reivindicações de validade, chegando ao ponto de não restar nada semelhante a uma base para a ação racional. O pós-modernismo quer que aceitemos as reificações e partições, celebrando a atividade de mascaramento e de simulação, todos os fetichismos de localidade, de lugar ou de grupo social, enquanto nega o tipo de metateoria capaz de apreender os processos político-econômicos (fluxo de dinheiro, divisões internacionais do trabalho, mercados financeiros etc.), que estão se tornando cada vez mais universalizantes em sua profundidade, intensidade, alcance e poder sobre a vida cotidiana (Ibid p. 111-112)

Do que foi exposto podemos afirmar, como diz Simionatto

[...] que o pós-modernismo está intimamente relacionado a um novo tipo de hegemonia ideológica nesse estágio do capital globalizado. Fundamentada nas teorias do fragmentário, do efêmero, do descontínuo, fortalece a alienação e a reificação do presente, fazendo-nos perder de vista os nexos ontológicos que compõem a realidade social e distanciando-nos cada vez mais da compreensão totalizante da vida social (SIMIONATTO, 2009, p. 94)

Esta lógica de pensamento se vê expressada diretamente em nosso cotidiano profissional e nas dinâmicas que o encorpam, conforme apareceu nas entrevistas, quando se fez referência aos cursos que a instituição empregadora oferece para a capacitação dos profissionais.

Sobre os cursos que são oferecidos pela prefeitura, tem muita coisa voltada para a parte de atendimento, como por ex. o Governo Federal dá capacitações, o Governo do Estado e os próprios profissionais pedem, usando os recursos destas esferas e há muitas capacitações nesta área. Destes cursos, um recentemente dado, foi muito bom pois vieram com um embasamento teórico legal. Por que muitas vezes, estes cursos que são para atendimento á famílias eles vão muito para a prática e só pincelam a teoria e não aprofundam. Mas este curso foi diferente, normalmente não é nesta linha. Já tiveram alguns cursos como Terapia Comunitária e outros temas que considero bons, mas

não pode ficar só nisso. Considero tudo válido como conhecimento. Os cursos que eu tenho visto tem uma visão mais ampla, de explicação da realidade, mas estão mais ligados ao campo da psicologia, da terapia, a parte do SS eu considero que fica fora disso. É muita prática e a ânsia dos profissionais em querer dar respostas lá na ponta acaba que eles fiquem buscando cursos que respondam as questões que famílias estão trazendo de relações familiares. Isso reflete uma deficiência do profissional, pois ele fica querendo dar conta de tudo. Fica uma coisa mais pragmática, quase que uma receita, um manual, infelizmente. (Maria Aparecida, depoimento colhido em agosto de 2012)

O pensamento pós-moderno contribui com esta lógica ao criar uma visão distorcida do real, ao abandonar as explicações totalizantes da realidade do ser social, as metanarrativas, como o marxismo, valorizando a razão instrumental, o pragmatismo e o pensamento fragmentário e efêmero.

Recentemente estava discutindo isso, a política da assistência com este enfoque na família e eu vejo nisso um reflexo desta questão da teoria. A família, o idoso, a criança está tudo fragmentado. Lá vou eu me inserir dentro da família e esquecer os direitos, o que está por trás disso. Então lá está nossa política centrada na família, lógico que é um olhar diferente que eu concordo, mas eu vejo que empurrou os profissionais que já estavam angustiados antes. Bem ou mal, caso, grupo e comunidade era mais dividido, mas tinha uma visão mais ampla. A nossa política embarcou nesta fragmentação e os profissionais foram junto. (Maria Aparecida, depoimento colhido em agosto de 2012)

Eu, particularmente, pela formação que tenho, pela militância que eu tenho, não acho ela me embasa. Já li coisas, por exemplo, tem alguns critérios, alguns tópicos, alguns tipos de família que eu acho interessante, tudo é apoio para minha formação, para minha atuação. Mas aquilo servem como tópicos para análise da intervenção e não análise do Estado, da sociedade, para isso não cabe, não me trás esta leitura que eu acho ser fundamental hoje. O que está colocado nesta política nacional, o que está colocado nesta política do estado, do município isso não me cobre. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

## Capítulo II

### FUNDAMENTOS DO CONHECIMENTO TEÓRICO

#### 2.1 O conhecimento em Marx

Faz-se necessário neste momento verificar o que é o conhecimento para Marx para assim podermos destacar a sua importância e relação com a prática. O conhecimento teórico é um elemento de extrema importância para compreensão do momento histórico vivido, do movimento dialético de constante transformação e crítica da realidade onde se dá a atuação do profissional Assistente Social, sujeito desta pesquisa.

Eu acredito que não dá para ter a prática desvinculada da teoria, o conhecimento teórico é imprescindível para a prática profissional. Aquela retórica maldita de que “na prática a teoria é outra” não vale. Não se sustenta, pois fica uma prática a partir do bom senso, a partir do que eu acho, então é importante pesquisar, estudar e ir além para que você tenha uma intervenção qualificada, uma prática profissional embasada com resolutividade de forma que possa contribuir para a vida do usuário, do cidadão e da sociedade de um modo geral. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

O conhecimento teórico é fundamental. Sem ele qual é a prática que eu tenho? Ao mesmo tempo, eu me formo e eu preciso atualizar ele, porque o contexto é dinâmico. O que eu tive de conhecimento teórico antes é importante, mas precisa estar constantemente atualizado com o contexto atual. [...] Tenho que me atualizar para conhecer a atualidade e também para ter técnicas de atuação. Tanto no que você se insere profissionalmente, como da sua prática, como você atualiza a sua prática. (Maria Aparecida, depoimento colhido em agosto de 2012)

Existem diferentes tipos de conhecimento, conhecimento científico, sensorial, artístico, entre outros. José Paulo Netto (2009) ao tratar do conhecimento teórico afirma que

o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. A teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. E esta reprodução (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correta e verdadeira quanto o mais fiel o sujeito for ao objeto (p. 673)

A teoria é necessária para explicar a realidade, tomar consciência das condições onde se está atuando, do objeto que está em vias de ser transformado. Na concepção de Marx o homem existe na medida em que transforma constantemente a natureza e faz isso por meio do trabalho. O trabalho é o pressuposto ontológico da teoria marxista, pelo trabalho o homem intervém no mundo, se diferencia dos demais seres e constrói sua história. Para que o homem possa transformar algo através de trabalho é necessário que ele tenha a matéria que será transformada e também tenha a idéia do que ele vai fazer com aquilo, portanto o mundo não é apenas idéia nem é só matéria, mas sim uma síntese entre as duas coisas.

As premissas com que começamos não são arbitrárias, não são dogmas, são premissas reais, e delas só na imaginação se pode abstrair. São os indivíduos reais, a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram quanto as que produziram pela sua própria ação. Essas premissas são, portanto, constatáveis de um modo puramente empírico. (MARX, 2009-B, p. 24)

O homem se diferencia dos demais animais porque antes de objetivar, construir algo materialmente, ele projeta o que deseja fazer, o que Marx chama de idear. É através do trabalho que o homem tem o conhecimento da sua realidade objetiva porque ele precisa conhecer adequadamente o que ele deseja transformar para que esta transformação seja possível. Ao transformar a sua realidade faz com que esta evolua e esta evolução será importante para a sua próxima intervenção assim como a dos demais membros de sua

comunidade, com isso o homem e a sociedade se desenvolvem em conhecimento e constroem sua história. Portanto,

O conhecimento, em Marx, não se apresenta apenas como ferramenta para a compreensão do mundo, mas, acima de tudo, como possibilidade de sua transformação, segundo as necessidades e os interesses de uma classe social. A 'razão instrumental' ou 'fenomênica', presente nas formulações anteriores, é substituída, em Marx, pela 'razão dialética' ou 'razão ontológica', que busca captar o real em suas múltiplas determinações e reafirmar o caráter histórico e criador da práxis humana (SIMIONATTO, 2009, p. 90)

Marx compreende o papel do sujeito como ativo no sentido de que não pode ficar somente com a aparência do objeto, mas buscar, pela abstração, a sua essência, apreendendo o seu processo dinâmico e as diferentes mediações que são realizadas.

Para Marx a prática é o fundamento do conhecimento, com isso ele não nega que exista uma realidade independente do homem, exterior a ele, o que ele rejeita é que o conhecimento possa ser mera contemplação, fora da prática. E o homem só existe nesta relação prática com a natureza que lhe é oferecido como objeto de seu trabalho e depois como resultado deste trabalho, se apresentando como natureza humanizada.

Dado que a natureza apenas se apresenta em unidade indissolúvel com sua atividade, considerá-la por si mesma, à margem do homem, é considerá-la abstratamente. A natureza é, então, a natureza sem sua marca; ou seja, é o vazio do humano, ou a presença de um mundo não humanizado. Só se dá essa natureza em si porque falta o humano (VÁZQUEZ, 2007, p. 129)

A natureza passa a fazer parte do mundo do homem a partir do ponto em que é tocada pelo homem, é conhecida por ele, antes disso esta natureza para ele não é nada. Ao ser conhecida pelo homem, integrada ao seu mundo ela deixa de ser uma natureza em si, pura, original para ser uma natureza humanizada como produto de sua ação ou em vias de ser. Este conhecimento

que o homem tem da natureza não poderia ser outro além de um conhecimento antropológico.

O sujeito tem um papel ativo sobre o objeto ao projetar a construção do mundo rejeitando a realidade tal como ela é. Assume deste modo, uma posição contrária ao conhecimento petrificado que não admite espaço para a reflexão. Reconhece-se como sujeito de ação e, também, o como objeto inserido no contexto histórico das relações sociais.

Pensar com a sua própria cabeça a sua realidade, questionar o que lhe é dado, conhecer onde está inserido e idealizar um mundo melhor são atitudes de resistência necessárias para um sujeito com uma prática transformadora.

O conhecimento parte do real, mas vai além dele. Aquele que fica com a representação imediata não consegue compreender fica no senso-comum, em uma “práxis utilitária imediata” onde ele pode lidar com as coisas do mundo, o manejar, “mas não proporcionam a compreensão das coisas e da realidade” (KOSIK, 2010, p.14)

No prefácio da segunda edição de *O Capital* ao tratar sobre as críticas que recebera o seu método e livro por alguns autores da época, transcreve um trecho elaborado por um de seus críticos, M. Block, no *O Correio Europeu*, de Petersbrugo, que é uma boa síntese e explanação de seu método.

Para Marx, só importa uma coisa: descobrir a lei dos fenômenos de cuja investigação ele se ocupa. E para ele é importante não só a lei que os rege, à medida que eles têm forma definida e estão numa relação que pode ser observada em determinado período de tempo. Para ele, o mais importante é a lei de sua modificação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relações para outra. Uma vez descoberta essa lei, ele examina detalhadamente as conseqüências por meio das quais ela se manifesta na vida social. (...) Por isso, Marx só se preocupa com uma coisa: provar, mediante escrupulosa pesquisa científica, a necessidade de determinados ordenamentos das relações sociais e, tanto quanto possível, constatar de modo irrepreensível os fatos que lhe servem de pontos de partida e de apoio. Por isso, é inteiramente

suficiente que ele prove, com a necessidade da ordem atual, ao mesmo tempo a necessidade de outra ordem, na qual a primeira inevitavelmente tem que se transformar, quer os homens acreditem nisso, quer não, quer eles estejam conscientes disso, quer não. Marx considera o movimento social como um processo histórico natural, dirigido por leis que não apenas são independentes da vontade, consciência e intenção dos homens, mas, pelo contrário, muito mais lhes determinam a vontade, a consciência e as intenções. (...) Se o elemento consciente desempenha papel tão subordinado na história da cultura, é claro que a crítica que tenha a própria cultura por objeto não pode, menos ainda do que qualquer outra coisa, ter por fundamento qualquer forma ou qualquer resultado da consciência. Isso quer dizer que o que lhe pode servir de ponto de partida não é a idéia, mas apenas o fenômeno externo. A crítica vai limitar-se a comparar e confrontar um fato não com a idéia, mas com o outro fato. Para ela, o que importa é que ambos os fatos sejam examinados com o máximo de fidelidade e que constituam, uns em relação aos outros, momentos diversos de desenvolvimento; mas, acima de tudo, importa que sejam estudadas de modo não menos exato a série de ordenações, a sequência e a conexão em que os estágios de desenvolvimento aparecem. Mas, dir-se-á, as leis gerais da vida econômica são sempre as mesmas, sejam elas aplicadas no presente ou no passado. (...) É exatamente isso que Marx nega. Segundo ele, essas leis abstratas não existem. (...) Segundo sua opinião, pelo contrário, cada período histórico possui suas próprias leis. Assim que a vida já esgotou determinado período de desenvolvimento, tendo passado de determinado estágio a outro, começa a ser dirigida por outras leis. Numa palavra, a vida econômica oferece-nos um fenômeno análogo ao da história da evolução em outros territórios da Biologia. (...) Os antigos economistas confundiram a natureza das leis econômicas quando as compararam às leis da Física e da Química. (...) Uma análise mais profunda dos fenômenos demonstrou que organismos sociais se distinguem entre si tão fundamentalmente quanto organismos vegetais e animais. (...) Sim, um fenômeno rege-se por leis totalmente diversas em consequência da estrutura diversa desses organismos, da modificação em alguns de seus órgãos, das condições diversas em que funcionam etc. Marx nega, por exemplo, que a lei da população seja a mesma em todos os tempos e em todos os lugares. Ele assegura, pelo contrário, que cada estágio de

desenvolvimento tem uma lei demográfica própria. (...) Com o desenvolvimento diferenciado da força produtiva, modificam-se as circunstâncias e as leis que as regem. Ao Marx se colocar a meta de pesquisar e esclarecer, a partir desta perspectiva, a ordenação econômica do capitalismo, ele apenas formula, com todo rigor científico, a meta que deve ter qualquer investigação exata da vida econômica. (...) O valor científico de tal pesquisa reside no esclarecimento das leis específicas que regulam nascimento, existência, desenvolvimento e morte de dado organismo social e sua substituição por outro, superior. E o livro de Marx tem, de fato, tal mérito. (BLOCK, 1872, apud MARX, 1983, p. 19-20)

A teoria epistemológica de Marx parte do princípio de que a matéria é anterior ao sujeito. Ou seja, ela já existia antes do homem e é independente dele. O conhecimento parte da própria análise da matéria, do real, do concreto. Esta posição mostra a diferença entre o seu método dos idealismos. O conhecimento começa pelos sentidos, da relação empírica do sujeito com o objeto, com o que é real. É a partir do processo de abstração que se chega a compreensão do objeto extraindo-o da sua contextualidade, da sua totalidade.

Abstração é

A capacidade intelectual que permite extrair da sua contextualidade (de uma totalidade) um elemento, isolá-lo, examiná-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise é inviável –aliás, no domínio do estudo da sociedade, o próprio Marx insistiu com força em que a abstração é um recurso indispensável para o pesquisador. A abstração, possibilitando a análise, retira do elemento abstraído as suas determinações mais concretas, até atingir ‘determinações as mais simples’ (NETTO, 2009, p. 685)

Esta realidade não se oferece imediatamente ao conhecimento, por isso é necessário este processo de negação do imediatamente dado, negar os dados oferecidos pela experiência empírica.

Segundo Kosik (2010) a totalidade é um dos conceitos centrais da filosofia marxista, mas que não passe a ser encarado de forma reduzida somente como uma exigência metodológica a categoria totalidade na filosofia materialista deve ser entendida em suas três dimensões: resposta a pergunta

*que é a realidade?*, um princípio epistemológico e, aí sim, uma exigência metodológica.

Se para responder a pergunta *que é a realidade?* considerarmos a realidade como um conjunto de fatos, dos mais simples até os mais complexos e assim também é a totalidade, cairemos no problema de que é impossível conhecer a totalidade. Não é possível conhecer todos os fatos de uma mesma realidade, dessa forma, pois sempre é possível acrescentar novos fatos, novos aspectos que possam surgir, ou esquecidos, ou que podem ser descobertos. Desta forma, portanto, não é possível conhecer a totalidade como apregoa alguns pensadores pós-modernos. Mas, Kosik, esclarece que totalidade não significa a união de todos os fatos para ele

Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade; e todos os fatos (reunidos em seu conjunto) não constituem, ainda, a totalidade. Os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético – isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída – se são entendidos como partes estruturais do todo. O concreto, a totalidade, não são, por conseguinte, todos os fatos, o conjunto dos fatos, o agrupamento de todos os aspectos, coisas e relações, visto que a tal agrupamento falta ainda o essencial: a totalidade e a concreticidade. Sem a compreensão de que a realidade é totalidade concreta – que se transforma em estrutura significativa para cada fato ou conjunto de fatos – o conhecimento da realidade concreta não passa de mística, ou a coisa incognoscível em si (KOSIK, 2010, p. 44)

A realidade para ser compreendida em sua totalidade (concreticidade) deve ser entendida como um todo não caótico, que possui sua própria estrutura e que está em constante desenvolvimento, que muda e se cria, um todo não acabado e que não é perfeito. Daí se parte o princípio “metodológico da investigação dialética” (KOSIK, 2010, p. 49) da totalidade concreta de que cada fenômeno desta realidade pode ser estudado e compreendido. Um fenômeno

social pode ser compreendido em sua relação com o todo, como um momento deste todo, em seu contexto histórico, sendo capaz de revelar a si mesmo e ser revelador do todo. O fenômeno expressa a si mesmo e o todo do qual faz parte, em sua relação com este e entendido dentro deste, fazendo parte dele.

Daí a importância de compreender o método de Marx em sua concepção dialética. Estamos, de forma geral, acostumados a pensar seguindo uma lógica herdeira do monismo de Parmênides onde a verdade é entendida como única, eterna, imutável, sem princípio, nem fim, contínua e indivisível, onde o conhecimento se move de forma linear e fatos novos vão se acrescentando aos anteriores. Pensamento e lógica esta que é predominantemente adotada na filosofia desde a Grécia antiga na dialética de Platão que procura expulsar a contradição e no princípio de identidade de Aristóteles no qual uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sobre as mesmas condições. Devido a isso é necessário pensarmos dentro da lógica e compreensão de ser de Heráclito, na qual a realidade pode ser apreendida, justamente, em seu movimento. Panta rei, dizia Heráclito, tudo passa, tudo flui, tudo está em constante movimento, os contrários não se anulam, muito pelo contrário, a unidade está na pluralidade dos opostos. Esta concepção é resgatada por Hegel e depois recebe um trato especial por Marx que nega o idealismo hegeliano. Dentro desta lógica dialética, o pensamento corre em um movimento espiral em que o ser coexiste com o seu não ser, com o contraditório.

O conhecimento dialético da realidade não deixa intactos os conceitos no ulterior caminho do conhecer; não é uma sistematização dos conceitos que procede por soma, sistematização essa fundada sobre uma base imutável e encontrada uma vez por todas: é um processo em espiral de mútua compenetração e elucidação dos conceitos, no qual a abstratividade (unilateralidade e isolamento) dos aspectos é superada em uma correlação dialética, quantitativo-qualitativa, regressivo-progressiva (KOSIK, 2010, p. 50)

Compreender a realidade para Marx significa ir além da representação ideal dela. Seguindo a dialética hegeliana, mas negando o seu idealismo Marx formula o seu método dialético materialista.

Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem. (MARX, 1983, p. 20)

Dentro da concepção dialética de totalidade o real é um todo que está em constante mudança, que se desenvolve e se cria, em que as partes estão em uma interna relação entre si e com o todo e o todo, por sua vez não pode estar colocado acima das partes, pois ele se dá em sua interação com as partes.

Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo significam a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. Do mesmo modo, o todo de que não foram diferenciados e determinados os momentos é um todo abstrato e vazio (KOSIK, 2010, p. 49)

Portanto, na teoria materialista os fatos são entendidos tanto na sua existência originária na realidade e, também, como teoria, representação ideal do real de onde são retirados e ordenados mentalmente. Vale ressaltar que a absolutização deste segundo entendimento é a que leva ao erro do idealismo ao considerar que a realidade adquire sentido, somente, na mente humana. Este processo de decomposição do todo onde os fatos são abstraídos da realidade mentalmente é necessário para captar a essência que ao mesmo tempo em que se revela se esconde no fenômeno.

A realidade é a unidade do fenômeno e da essência. Por isso a essência pode ser tão irreal quanto o fenômeno, e o fenômeno tanto quanto a essência, no caso em que se apresentem isolados e, em tal isolamento, sejam considerados como a única ou 'autêntica' realidade (KOSIK, 2010, p. 16)

Desta forma o sujeito que pesquisa leva o objeto para o abstrato, vai além do objeto, reconhecendo todos os processos que o formam, sua

historicidade, para depois voltar a ele, a realidade, onde o objeto continua tal como antes, sem mudança. As idéias só transformam a realidade quando tomam força de ação, somente enquanto idéias não muda nada.

O processo de abstração é um recurso metodológico para poder identificar cada elemento isolado do todo e, assim, perceber o que tem nele de accidental, de particular, de essencial, geral. Tendo sempre a consciência de que a abstração isola idealmente o que não pode ser isolado, ou separado na realidade.

Da mesma forma como, à força da abstração, transformamos todas as coisas em categorias lógicas, basta-nos somente abstrair todo caráter distintivo dos diferentes movimentos para chegar ao movimento em estado abstrato, ao movimento puramente formal, à fórmula puramente lógica do movimento. Se se encontra nas categorias lógicas a substâncias de todas as coisas, imagina-se encontrar na fórmula lógica do movimento o método absoluto, que tanto explica todas as coisas com implica, ainda o movimento delas (MARX, 2009-A, p. 123)

Com a abstração o sujeito reconhece que os processos estão vinculados a outros processos que por sua vez tem outras expressões fáticas e que este conjunto de fatos está em constante movimento. Portanto, podemos dizer que o processo de conhecimento é relativo, reconhecendo os limites históricos deste.

Martins (2008) cita os três passos que necessariamente devem ser percorridos para se ter o conhecimento dentro da perspectiva de Marx, são eles:

a) a tomada de consciência das partes da totalidade a ser conhecida, abstraindo-as do todo; b) o conhecimento detalhado dessas partes pelo processo de análise; c) a superação da visão analítica, buscando conhecer a mediação que se estabelece entre as partes, das partes com o todo e deste para as partes, de tal maneira que seja capaz de produzir da realidade uma síntese, que reproduz no pensamento o concreto, o real, com todos os seus movimentos, suas

determinações, tornando-se um concreto pensado (MARTINS, 2008, p. 132).

Depois da análise dos fenômenos concretos em suas partes segue um novo processo chamado de síntese no qual se faz o inverso da análise, ou seja, recompõe os fatos ao todo, para compreender os fatos em sua totalidade, no seu conjunto. O pesquisador estabelece a relação das partes, analisadas isoladamente, com o todo e o todo com as partes por meio da mediação.

Se nesse instante se tinha em mente a totalidade a ser conhecida como um 'todo caótico', uma realidade empírica que se apresenta sem que se tenha consciência de suas partes, o que se passa a ter com a síntese é uma nova visão da realidade, segundo a qual o todo não é mais simples elemento empírico, não é mais um todo caótico, mas uma totalidade com as suas articulações, com seus nexos constituintes e constitutivos, isto é, um todo concreto (MARTINS, 2008, p. 136)

A razão realiza, desta fora, a reprodução mental da realidade, na ascensão do abstrato ao concreto. Este concreto não é a própria realidade, como pensam os idealistas, ou a "passagem de um plano (sensível) para outro plano (racional); é um movimento no pensamento e do pensamento" (KOSIK, 2010, p. 36). É a representação do real como um concreto pensado, resultado da síntese das diversas determinações que foram abstraídas da realidade. Uma representação mais próxima possível da totalidade concreta, em que nega a sua apresentação imediata, em sua forma desorganizada e compreende as suas determinações, articulações, contradições e as formas como as mediações as estabelecem.

## **2.2 Relação teoria / prática**

A teoria sozinha não tem a capacidade de promover a transformação de uma realidade, assim como também é verdade que não é possível uma prática

sem o conhecimento do objeto de intervenção e sem a idealização do objetivo que se quer alcançar.

Eu acho que no âmbito do Serviço Social nós precisamos começar a ter uma aproximação melhor, mais clara, entre a teoria e como a gente faz este cotidiano. Acho que a gente tem esta lacuna, os profissionais e os estudantes precisam enfrentar isso, a gente tem uma lacuna, uma distância. A gente precisa saber como se faz uma entrevista. Saber qual é o pressuposto teórico e, também, qual é a abordagem de uma entrevista, em um atendimento familiar, que metodologias e técnicas eu uso e qual é o meu projeto de intervenção. Eu acho que isso precisa ficar mais claro para o Serviço Social para a gente perceber que isso se liga. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

Esta fala evidencia como a relação teoria/prática continua sendo um problema presente no meio profissional e na formação de novos Assistentes Sociais. A frase freqüentemente propagada de que “na prática a teoria é outra” é reflexo de como estes dois conceitos não são entendidos em sua identidade e relação um com o outro.

### **2.2.1 O que é prática**

A discussão sobre a relação entre teoria e prática é antiga dentro do pensamento ocidental. No grego antigo a palavra práxis (πραξις) “significa a ação de levar algo a cabo, mas uma ação que tem seu fim em si mesma, e que não cria ou produz um objeto alheio ao agente ou a sua atividade” (VÁZQUEZ, 2007, p. 28), ou seja, tinha um significado diferente ao que empregamos a ela atualmente. O sentido que empregamos hoje ao termo práxis ou prática se assemelha ao que os gregos chamavam de *poiésis* (ποιησις), que é algo produzido que é exterior ao sujeito que o produz, como por exemplo a fabricação de uma peça de artesanato.

Boécio, no século VI, em seu livro *A consolação da Filosofia* descreve a imagem da Filosofia que lhe aparece em sonho e nesta descrição faz uma interessante observação sobre a teoria e a prática, representadas pelas abreviações em grego Theta ( $\theta$ ) e PI ( $\pi$ ), respectivamente.

Enquanto meditava silenciosamente estas coisas comigo e confiava aos meus manuscritos minhas queixas lacrimoniosas, vi aparecer acima de mim uma mulher que inspirava respeito pelo seu porte: seus olhos estavam em flamas e revelavam uma clarividência sobre-humana, suas feições tinham cores vívidas e delas emanava uma força inexaurível. [...] A poeira dos tempos, assim como acontece com o brilho das antigas pinturas, obscurecia um pouco seu esplendor. Embaixo de sua imagem estava escrito um PI e em cima um Theta. E, entre essas duas letras, via-se uma escada cujos degraus ligavam o elemento inferior ao superior. No entanto, mãos violentas rasgaram sua veste e cada uma tomou um pedaço dela. Mas ela tinha livros na mão direita e um cetro na esquerda. (BOÉCIO, 1998, p.4-5)

Teoria/prática, em sua relação de união e separação, identidade e diferença é discussão que há muito tempo inquieta pensadores e profissionais de diferentes áreas. Adolfo Sanchez Vasquez em seu livro *A filosofia da práxis*, dá uma grande contribuição para definição de conceitos e clareamento dessa discussão. No entendimento deste autor, conforme Martinez (MARTINEZ, 2007, apud VÁZQUEZ, 2007)

a noção de práxis se situa no centro da tripla problemática que, para ele, constitui o marxismo: a transformação de uma realidade considerada injusta, transformação baseada em uma crítica da mesma que se apóia no conhecimento científico dessa realidade. Para Vázquez, o marxismo não é mera teoria, nem muito menos uma cosmovisão, mas sim uma prática transformadora da realidade guiada por valores que servem como crítica a ela (p. 12)

A práxis assume um lugar de destaque na teoria de marxista, já que, para Marx, é somente pela prática que o homem transforma a sua realidade. O trabalho vital é a práxis original, a atividade pela qual o homem concretiza a transformação da natureza como foi antes idealizado por ele. O homem se

reconhece neste trabalho, sabe que o que fez é parte dele, faz sentido em seu mundo e a partir daquilo que ele criou pode produzir algo mais.

A atividade prática do homem se diferencia dos demais seres por ser uma atividade orientada para a obtenção de um fim e este fim só existe na consciência do homem, seja este o de construir uma cadeira ou um machado, fazer uma viagem ou escrever um livro. Ao agir sobre este objeto o modifica por meio de uma série de atos físicos e corpóreos necessários para esta processo. Este objeto que foi modificado pela ação transformadora do sujeito é também algo que existe e se mostra independente diante do sujeito que o fez, tem a sua própria existência. Vale ressaltar que o objeto sobre o qual se exerce a práxis pode ser algo natural, produto de uma práxis anterior, algo já criado anteriormente ou o próprio ser humano, individualmente falando ou a sociedade onde se dá a práxis política ou revolucionária.

Marx enfatiza o caráter real, objetivo, da práxis, na medida em que transforma o mundo exterior que é independente de sua consciência e de sua existência. O objeto da atividade prática é a natureza, a sociedade ou os homens reais. O fim dessa atividade é a transformação real, objetiva, do mundo natural ou social para satisfazer determinada necessidade humana. E o resultado é uma nova realidade, que subsiste independentemente do sujeito ou dos sujeitos concretos que a engendraram com sua atividade subjetiva, mas que, sem dúvida, só existe pelo homem e para o homem, como ser social. [...] a simples atividade subjetiva – psíquica – ou meramente espiritual que não se objetiva materialmente não se pode considerar como práxis. (VÁZQUEZ, 2007, p. 226)

A verdadeira práxis é aquela em que ocorre a transformação do homem e das circunstâncias na qual se encontra. Neste movimento onde o homem muda a natureza e com esta mudança modifica o modo como a vê e assim pode modificá-la novamente, desenvolvendo este movimento de mudança de si e da natureza como uma unidade, é onde está a práxis verdadeira, a revolucionária.

Depois desta época da faculdade eu acompanhei vários empregados em outras empresas com dependência química. Eu fiz um curso na

USP, há bastante tempo, mas foi um curso sobre dependência química. E a minha vivência pessoal, profissional de atendimento a dependentes químicos não só de drogas, mas também de medicação. Venho acompanhando tudo quanto é artigo sobre dependência química, troco muito com colegas que são especialistas no assunto. Em um caso eu liguei para uma colega e perguntei como abordaria, e ela me deu algumas dicas. Então existe uma troca profissional e uma experiência profissional que eu tenho. (Gina, depoimento colhido em setembro de 2012)

Na fala desta profissional é interessante notar como o conhecimento sobre uma demanda específica é construído pela busca de informações em cursos, capacitações e produções teóricas e, também, durante a prática profissional, na experiência que é adquirida durante cada atendimento e troca com os colegas de trabalho.

Dentro da perspectiva marxista teoria e prática se dão em uma relação dialética, onde cada uma tem sua própria identidade e, ao mesmo tempo não é possível separar uma da outra. A distinção entre a teoria e a prática é necessária para que possamos pensar como o conhecimento e a ação humana se exerce.

Se o homem conhece o mundo na medida em que atua sobre ele de tal maneira que não há conhecimento à margem dessa relação prática, a filosofia enquanto teoria não pode se desvincular da prática para se reduzir a mera visão, contemplação ou desvincular da prática para se reduzir a mera visão, contemplação ou interpretação. (VÁZQUEZ, 2007, p. 150)

Mundo, neste contexto deve ser entendido como objeto de interpretação, estudo, observação e, também, como objeto de ação do homem, onde por meio da atividade prática o homem realiza a transformação. O pensamento dialético distingue o conceito da coisa da representação, essa distinção não é do conhecimento, mas da práxis, pois

A atitude primordial e imediata do homem, em face da realidade, não é a de um abstrato sujeito cognoscente, de uma mente pensante que examina a realidade especulativamente, porém, a de um ser que

age objetiva e praticamente, de um indivíduo histórico que exerce a sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de um determinado conjunto de relações sociais. (KOSIK, 2010, p. 13)

Um elemento que surgiu durante as entrevistas espontaneamente dos profissionais, sem ter uma pergunta abordando este assunto em específico, foi a participação política como importante na apropriação do conhecimento teórico, como oportunidade de troca de conhecimento e como um exemplo concreto da vinculação entre teoria e prática.

Queria falar que sou conselheiro de assistência social e isso me impulsionou bastante a estudar e entender como funciona a política pública para exercer o controle social da política pública. E percebo que muitos conselheiros dependem do que o órgão gestor oferece de capacitação. Como representante do órgão gestor no conselho, acredito que é nossa obrigação aprofundar no conhecimento sobre política pública para exercer o controle de fato. E a gente tem contribuído e ensinado os demais conselheiros, fazendo um processo de capacitação. A gente explicou a transição da política pública, a tipificação, hoje nós estamos contribuindo com isso. E na troca de gestão, partindo do nosso conhecimento anterior, demos um curso de capacitação para os novos diretores que estavam chegando. Demos toda a introdução da filantropia ao direito, da política pública de assistência social, trabalhamos com eles e foi bom, apesar de muitos não entenderem muito. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

Acho que muito disso vem da formação, com por exemplo da participação, pois na formação ouvimos muito sobre isso, mas não é exercitada a participação durante a formação. E como é que vou discutir isso com a comunidade e os incentivar a participar se não tenho esta vivência participativa? Esta dicotomia, tão discutida da teoria e prática, também tem isso da participação, a importância e a vivência, ela é importante, mas eu não tenho a vivência disso. É algo que deve ser revisto na formação acadêmica e nos debates. (Maria Aparecida, depoimento colhido em agosto de 2012)

E uma outra coisa é na minha militância nos movimentos de saúde e da criança nos fóruns (Conselho Municipal de Saúde), que também me trás um outro acervo, um outro material e contribuições. Nos fóruns você vê a sua atuação na defesa dos direitos, você vê a luta a participação mais na lógica da cidadania. E você vê, também, um outro tipo de material, como experiência concreta, um material que não está muito no universo das faculdades e nos congressos, é um outro tipo de acesso de conhecimento que eu considero importante. Você vê uma Assistente Social vindo lá no nordeste, um trabalhador da saúde que veio da cultura dele para o movimento, eu acho isso muito interessante. Como no Encontro Nacional de Saúde, era lindo ver o Brasil inteiro ali retratado, isso também me trás conhecimento, me trás um panorama a nível nacional. São realidades tão diferentes e a riqueza de conhecer outros autores e movimentos sociais. Vi isso muito do nordeste, o pessoal veio com uma garra e com uma experiência muito rica na zona rural que é pouco comentado em São Paulo, e uma militância muito forte junto com os usuários e isso me chamava a atenção. Então você tem este mapa a nível de Brasil quando você vai em um Congresso, é mais rápida esta leitura. Um outro exemplo, foi a questão de ter equipe técnica nos Conselhos Tutelares, São Paulo era contra e no Rio já tem, este debate se encontra no Fórum dos Direitos das Crianças, não estava nas universidades e era uma discussão muito interessante. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

O simples estudo sem uma objetivação prática sobre a realidade, uma teorização, pesquisa, ou conhecimento limitado sobre ele mesmo não tem a capacidade de transformar nada. É esta visão que Marx critica ao dizer que “Os filósofos se limitaram a *interpretar* o mundo diferentemente, cabe transformá-lo.” (MARX, 1974, p. 59).

Nesta semana estava discutindo isso com a minha estagiária, para mim tanto os fundamentos, a filosofia, o processo histórico... cada vez mais eu percebo essa relação com a prática. Eu acho que nos ajuda para repensar e reconstruir sempre a prática. Quando faço uma intervenção que está na lógica dos direitos, qual é o fundamento? Com qual autor que eu estou pensando aquele cotidiano, aquele atendimento com a família? Os pressupostos para mim são fundamentais para eu ter o vínculo, fazer o acompanhamento e

análise. Isso contribui, mas ao mesmo tempo também percebo que a prática me alimenta, me ajuda a repensar que algumas questões que estão nos fundamentos vão sendo ampliadas frente a prática. Por exemplo, a questão da violência contra a criança, leio alguns estudiosos sobre o assunto, mas percebo alguns sinais que não estão colocados nos livros, na parte teórica, mas que a prática me alimenta. É muito dialético, a teoria fundamenta a prática e, ao mesmo tempo, a prática me fundamenta a pensar outros elementos a ponto de um estudo mais teórico. Não separo, elas estão junto, ao tempo todo, me alimentando, essa é a grande contribuição e cada vez mais eu quero estudar, a estar buscando novos conhecimentos, novos autores de diferentes áreas. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

Teoria e prática não estão contrapostas uma da outra, muito pelo contrário, elas têm uma forte vinculação de dependência mesmo considerando as suas diferenças e relações. A teoria existe para explicar os problemas que se apresentam na realidade, para compreender, esclarecer, revelar ou desvelar o que se dá na prática. O que ela idealiza só pode ser considerado verdadeiro se for realizado na prática. E o seu fim, ou objetivo é a concretização da prática. Podemos, assim, considerar a teoria dependente da prática por esta ser o seu fundamento, o seu critério de verdade e o seu objetivo de desenvolvimento, o seu fim. Isso torna a prática mais importante que a teoria sem criar uma contraposição.

A prática e a teoria mantém uma relação de unidade sem se identificarem, sem que uma desapareça na outra. Ao mesmo tempo não pode ser negado que existe uma certa autonomia da teoria, uma autonomia que é relativa por ser a prática fundamento, critério de verdade e fim da mesma. Faz-se necessária esta autonomia já que a teoria pode se antecipar à prática e fornecer alguns elementos para que esta seja concretizada, como o conhecimento dos instrumentos e técnicas utilizados, o conhecimento da realidade e do objeto onde se dá a prática. Este conhecimento acumulado contribui na medida em que a experiência vivenciada anteriormente possibilita o uso e a criação de novas técnicas, “[...] o homem só pode transformar o mundo a partir de um nível teórico dado, isto é, inserindo sua práxis atual na

história teórico-prática correspondente” (VÁZQUEZ, 2007, p. 261). E, por fim, a teoria antecipa os resultados que se quer alcançar com a atividade prática, idealiza, objetiva um resultado correspondente e as condições oferecidas para buscar os meios necessários para a sua realização.

A oposição muitas vezes atribuída entre teoria e prática existe quando, erroneamente, uma é supervalorizada em relação à outra. De um lado, quando a teoria é vista como sendo a própria prática ao ser tratada de forma tão onipotente em relação com a realidade que pretende conhecer e se dá extremo valor para ela. Por outro lado, a prática é vista como absoluta, atuando sobre a realidade independente de qualquer fundamentação teórica, ou mesmo considerando a prática como a simples aplicação da teoria sem reconhecer a contribuição da primeira para o enriquecimento da segunda.

No entanto, não existe tal posição absoluta, e sim relativa – ou melhor, trata-se de uma diferença – no seio de uma unidade indissolúvel. Por isso, devemos falar, sobretudo, de unidade entre teoria e prática e, nesse marco, da autonomia e dependência de uma com relação à outra. (Ibid., p. 242-243)

A teoria sozinha não tem a capacidade de transformar o mundo, não é possível realizar uma transformação se não há uma profunda relação entre teoria e prática.

Teoria e prática caminham juntas, tem uma interface na qual estão ligadas e se a gente não tem isso claro a gente é engolida pela instituição, a gente é engolida pelo município, a gente fica não comprometido com a população e a gente se perde no nosso caminho, no nosso percurso. E muitas vezes a gente se perde neste processo, não tem muita clareza, é a pressão a demanda, tem que atender todo mundo, e isso tem uma lógica muito forte e temos que estabelecer um limite senão a gente se perde neste percurso. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

Para que ela possa ser considerada uma atividade prática deve materializar o que só existia idealmente por meio da prática. “Nesse sentido, uma teoria é prática quando materializa, por meio de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como

conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação” (VÁZQUEZ, 2007, p. 236).

A teoria é necessária para tomar consciência da realidade, das condições onde se está atuando, do objeto que está em vias de ser transformado e transformar esta consciência em ação, em prática que, por sua vez não pode ser tomada como uma atividade puramente material, sem conhecimento e a produção de fins, próprios da atividade teórica. Relacionar teoria e prática significa entendê-las e assimilá-las.

### **2.3 Teoria tradicional e teoria crítica**

Nas produções do Serviço Social é comum o uso do termo Teoria Crítica de um modo geral, se referindo a toda a teoria baseada na Teoria Social de Marx. Mas Teoria Crítica, também, pode ser entendida de um modo mais restrito, se referindo a própria interpretação de Max Horkheimer da teoria de Marx, visão esta compartilhada por outros pensadores, em maior ou menor grau, como Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Jürgen Habermans, entre outros, que também são conhecidos como representantes da Escola de Frankfurt. Consideramos importante a contribuição trazida por este pensador para a discussão sobre o pensamento teórico, da relação teoria e prática, do papel do sujeito frente ao objeto de estudo e como estas diferentes visões – Crítica e Tradicional, utilizando aqui os termos de Horkheimer (1975) – tem implicação sobre nós como mostra a fala deste profissional:

Eu queria entender de onde vem este discurso de que na prática a teoria é outra. Onde eu trabalho posso estudar todos os dias, todo dia estamos estudando e aprendendo, é a oportunidade de estar na gestão e no acompanhamento dos serviços. Isso tem demandado de mim conhecer um pouco de cada um dos serviços e os pressupostos que embasam aquelas ações. É claro que eu não vou conseguir aprofundar, mas tenho que apreender aquilo para dialogar com o técnico, para construir um indicador a partir da produção dele, a partir do referencial teórico que diz o que é, e eu tenho que ter este

conhecimento, isso é maravilhoso. A oportunidade de estar na gestão, não em uma gestão tecnicista que não dá tempo para refletir, mas onde estamos nos permite fazer todo um estudo que é gostoso. Mas não é em toda a gestão, tem bastante gente que está na gestão e não tem tempo para pesquisar. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

Em 1937, Horkheimer, já assumindo o comando do Instituto e da revista de publicação das pesquisas, escreve um artigo com o título *Teoria tradicional e teoria crítica* em homenagem aos sessenta anos de publicação do primeiro volume de *O capital*, em que desenvolve sua análise fundamentada no pensamento marxista, e problematizando a produção do conhecimento nas condições da sociedade capitalista.

Horkheimer desenvolve o termo Teoria Crítica, definindo e contrapondo-o à teoria tradicional. Inicia o texto apresentando algumas definições de teoria tradicional, que são muito mais pautadas na matemática e na sua representação simbólica “[...] teoria equivale a uma sinopse de proposições de um campo especializado, ligadas de tal modo entre si que se poderiam deduzir de algumas dessas teorias todas as demais” (HORKHEIMER, 1975, p. 125). A ciência moderna e principalmente o método cartesiano, que a fundamenta, estende a dedução usualmente usada na matemática e nas ciências naturais para todas as ciências “A ordem do mundo abre-se para uma conexão de deduções intelectuais (*deduktiven gedanklichen Zusammenhang*)” (HORKHEIMER, 1975, p. 126). Estas semelhanças no entendimento do que é teoria está presente nas diferentes escolas sociológicas, empíricas e teóricas, entendendo que não há diferença estrutural do pensamento e na concepção do que é teoria em seu sentido tradicional.

O cientista da teoria tradicional observa os fenômenos sociais procurando aplicar princípios observados em situações particulares para estabelecer um nexos causal e prever o que pode ocorrer em determinadas situações. Na teoria tradicional o cientista é um observador que se propõe a ficar neutro frente às situações apresentadas, estabelecendo as conexões causais das relações sociais. Horkheimer apresenta a sua crítica a esta

posição teórica reconhecendo que o sujeito que pesquisa não pode estudar a sociedade, as relações sociais, fruto da ação dos homens, de forma imparcial, sendo o próprio cientista um homem inserido neste contexto. A teoria tradicional faz uso do método científico baseado nas ciências naturais defendendo a “neutralidade” do cientista para que suas posições pessoais não interfiram na sua observação e coloque os seus valores pessoais para validar ou não sua teoria.

esse método científico tem de separar rigidamente o que é do *conhecimento* e o que pertence ao domínio da *ação*. Dessa perspectiva tradicional de teoria, não cabe ao cientista qualquer *avaliação* do objeto de estudado, mas tão-somente a sua classificação e explicação segundo os parâmetros neutros do método (NOBRE, 2004, p. 37).

A teoria é separada da ação, o agente da pesquisa não pode intervir na realidade e deixar de ser um pesquisador tornando-se um agente social com valores, objetivos, interesses e concepção de mundo que pode interferir em seu estudo. A teoria tradicional não considera os condicionantes históricos que compõem a sociedade, tendo uma visão parcial da realidade, sem ir ao cerne da questão. Na opinião de Horkheimer esta forma de pensar, faz com que ele se adapte a esta mesma sociedade no modo como ela se apresenta, moldando o seu pensamento a sua realidade. A teoria tradicional na sua pretensão de compreender a sociedade defendendo uma falsa neutralidade só demarca a sua posição e utilidade na manutenção desta sociedade dividida em classes.

A incapacidade de pensar a teoria e a prática como unidade é a restrição do pensamento tradicional. Essa separação é adequada à sociedade burguesa na medida em que extrapola o campo científico, fazendo parte da forma como as pessoas vêem o mundo e agem sobre ele, sem autonomia e vontade de mudança.

Conforme os seus próprios pensamentos, eles executam apenas o que o nexos causal da realidade, fechado em si mesmo, determina, ou consideram apenas unidades individuais de valor estatístico, onde a unidade individual não desempenha papel algum. Como

seres racionais são isolados e impotentes. O reconhecimento deste fato constitui o primeiro passo de sua supressão, mas este fato só entra para a consciência burguesa na figura metafísica e a-histórica. Seu domínio da realidade se dá por meio da crença na imutabilidade da forma social. Na sua reflexão os homens se consideram meros espectadores, participantes passivos de um enorme acontecimento que talvez possa ser previsto, mas de forma alguma dominado (HORKHEIMER, 1975, p. 155)

Em contraponto a Teoria Tradicional, Horkheimer defenderá a Teoria Crítica entendendo o sujeito da pesquisa integrante do seu objeto de estudo, da realidade social onde está inserido. Este sujeito, indivíduo, não está separado da sociedade, é integrante dela e age sobre esta realidade, reconhecendo que todo o conhecimento é historicamente determinado.

a função da teoria crítica torna-se clara se o teórico e a sua atividade específica são considerados em unidade dinâmica com a classe dominada, de tal modo que a exposição das contradições sociais não seja meramente uma expressão da situação histórica concreta, mas também um fator que estimula e que transforma (Ibid., p. 144)

O marxismo em suas análises entende o capitalismo como um sistema histórico que trata as coisas como mercadoria. Esta lógica da troca é que determina as relações dos homens entre si e com a natureza, de acordo com a produção de seus meios de existência.

A ciência que se pretenda fazer uma análise real da sociedade tem de considerar esta mesma dentro do seu contexto histórico determinado, sob as condições colocadas pelo sistema capitalista de divisão de classes, exploração do trabalho, do lucro e da produção de mercadorias. Desta forma a Teoria Crítica se comporta criticamente frente a produção do conhecimento na sociedade capitalista e, também, sobre as próprias condições impostas por esta sociedade que impedem a sua emancipação “o comportamento crítico torna-se possível porque fundado em uma orientação para a emancipação da sociedade, para a realização da liberdade e da igualdade que o capitalismo ao mesmo tempo possibilita e bloqueia” (NOBRE, 2004, p. 41)

O interesse do teórico crítico não está apenas em estudar a sociedade, mas, também, em intervir nela, buscando a transformação dos condicionantes que impedem a emancipação desta, trabalhando conceitos como classe, exploração, mais-valia, lucro e pauperização, criticando o modo de pensar existente da sociedade capitalista.

Concluindo, podemos ver que a distinção que Max Horkheimer faz entre Teoria Tradicional e Teoria Crítica, esclarece que a primeira é aquela na qual o sujeito que observa a sociedade faz isso sem o objetivo de exercer alguma transformação no mundo, quer somente a classificação e explicação neutra em seu método retirado das ciências naturais. A Teoria Tradicional não considera a relação do processo histórico e seus condicionantes nos quais a sociedade é constituída. Na Teoria Crítica, por seu lado, compreende que a teoria e a prática devem ser consideradas em conjunto, entendendo que o conhecimento é historicamente construído e, portanto, é necessário conhecer as condições históricas em que se dá a ação.

#### **2.4 Adorno e a teoria prática**

No texto *Notas marginais sobre teoria e práxis* (1995), Adorno desenvolve sua interpretação sobre estes conceitos denunciando o pragmatismo vazio de conteúdo, que despreza a teoria e sua relação com a prática.

A aversão à teoria, característica de nossa época, seu enfraquecimento nada casual, sua proscricção pela impaciência que pretende transformar o mundo sem interpretá-lo, (...) tal aversão à teoria constitui a fraqueza da prática. Que a teoria deva curvar-se à prática significa anular o conteúdo da verdade e condenar a prática à loucura – enunciar isto hoje em dia é algo prático (p. 117)

Esta posição de Adorno nos faz pensar a nossa realidade e questionar a atenção dispensada no exercício do pensamento reflexivo frente à dinâmica e o pragmatismo imposto pela sociedade capitalista.

O que eu vejo é que a formação nossa não dá conta da discussão teórica. Ela pincela, joga algumas coisas. E a questão teórica tem que ser aprofundada para que se possa apreendê-la bem e poder fazer a relação disso lá na ponta. Pincela lá uma linha marxista, uma linha positivista e tal, e ouvimos que dentro do SS só a linha marxista é a coerente, tudo bem, mas aí ele chega lá no dia a dia e não consegue fazer esta relação porque ele não teve esta apreensão da teoria. Ele não consegue fazer a relação do adolescente infrator com o meio em que ele vive, a questão capitalista, todo aquele fio da meada que a teoria tem que fazer para a gente refletir o contexto daquele adolescente, daquela família não acontece. Não há uma apreensão adequada da teoria e isso desde a graduação. Aquele profissional que vem com um perfil diferenciado de facilidade de leitura de interesse, que busca conhecimento e tem uma facilidade tudo bem, mas aquele que não tem tchau. Ele vai para a prática e é um desespero, a família atendida chega com questões relacionais e ele não vai fazer a relação do contexto, no que está por trás daquela situação de violência da família, ele fica preso a violência que a família traz. Esta é a questão que a falta de teoria provoca. Ele fica preso na violência em si, mas o contexto que leva aquela família de desemprego, o aspecto cultural e tudo o mais que leva aquela família para aquela situação não é notada. Alguns profissionais buscam uma capacitação teórica mais aprofundada na pós-graduação, mas a maioria não. (Maria Aparecida, depoimento colhido em agosto de 2012)

No livro *Dialética do esclarecimento* (2006), escrito em conjunto com Max Horkheimer, discorre que o homem, ao perder a sua individualidade, perdeu também a sua autonomia de pensar e agir, se tornando sujeito incapaz de julgar por si mesmo e aceitando o que está dado incondicionalmente. Seguindo um modelo transmitido pela indústria cultural, o homem deixa de exercer o seu pensar e seu agir de forma autônoma, tem o seu comportamento ditado pela maioria, seguindo um pensamento de rebanho. A perda da individualidade tem interferência na forma como o homem se relaciona consigo

mesmo e com o mundo a sua volta, no seu modo de agir e intervir na sua realidade.

O que, desde então, vale como o problema da práxis, e hoje novamente se agrava na questão da relação teoria e práxis, coincide com a perda de experiência causada pela racionalidade do sempre igual. Onde a experiência é bloqueada ou simplesmente já não existe, a práxis é danificada e, por isso, ansiada, desfigurada, desesperadamente supervalorizada. Assim, o chamado problema da práxis está entrelaçado com o do conhecimento. (ADORNO, 1995, p. 204)

A posição de Adorno deve ser analisada a luz do período histórico em que se encontrava, na sua conhecida crítica à Indústria Cultural e no fortalecimento dos meios de comunicação em massa por meio do rádio, TV, cinema, entre outros produzindo embrutecimento e consumismo desenfreado. Preocupado com esta realidade Adorno, ao tratar da relação teoria e prática, segue a linha marxista ao compreender que teoria e prática devem ser entendidas em uma união, mas reforça a posição e importância da teoria, esquecida e jogada a segundo plano como algo dispensável, ao afirmar que “pensar é um agir, teoria é uma forma de práxis” (ADORNO, 1995, p. 205).

É indubitável e incontestado que a análise racional da situação constitui o pressuposto, pelo menos da práxis política; até mesmo na esfera militar, a da burda primazia da práxis, é assim que se procede. A análise da situação não se esgota na adaptação a esta. Enquanto reflete sobre ela, põe em relevo momentos que podem conduzir para além das coações, da situação. Isto assume incalculável relevância para a relação entre teoria e práxis. Por sua diferença com relação a esta, enquanto ação imediata ligada à situação e, portanto, por sua autonomização, a teoria converte-se em força produtiva prática, transformadora. Sempre que alcança algo importante, o pensamento produz um impulso prático, mesmo que oculto a ele. Só pensa quem não se limita a aceitar passivamente o desde sempre dado” (Ibid., p. 209-210)

A teoria, se for tratada sozinha, fica impotente, presa em si mesma sem uma contribuição para a realidade de onde produz o conhecimento e, por sua

vez, a prática vazia de conceitos se torna uma prática arbitrária que não conhece nada além dela mesma. A sua crítica à separação colocada entre teoria e prática, tem como objetivo denunciar o desprezo pela teoria, e é justamente este desprezo pela teoria que aparece nesta fala colhida na pesquisa, onde o profissional ao tratar sobre as capacitações e cursos que são oferecidos pela instituição empregadora a partir da escolha dos trabalhadores, lamenta que a maioria dos seus colegas prefira cursos com menos discussão teórica.

Quando um grupo busca uma capacitação diferenciada, mais aprofundada para discutir, muitas vezes este grupo é rechaçado pela maioria que diz que vai se discutir teoria e não vai resolver nada na prática. Pois no nosso caso a escolha pelos cursos é por votação. Em algumas vezes conseguimos buscar algo mais específico da nossa área da gestão do SUAS, da legislação... mas uma capacitação mais teórica mesmo fica por conta do individual que em busca algo diferenciado (Maria Aparecida, depoimento colhido em agosto de 2012)

Para ele a teoria vai além de apenas ser um retrato ou um estudo sobre a realidade, teorizar é exercer uma função política, portanto prática. Pensar por si mesmo, refletir sobre uma situação, idealizar uma realidade diferente, questionar o discurso pronto da indústria cultural e dos detentores do poder é opor resistência, é realizar uma atividade política prática. Embora o mais fácil é seguir o que é estabelecido sem se opor, sem realizar a crítica, sem negar o que está imediatamente dado.

No departamento fizemos um alinhamento conceitual, mas agora temos que fazer com as equipes. Tem gente que acha uma coisa como negligência e outra violência, outra coisa é abandono. E há uma dificuldade de entendimento destas categorias simples. Muitas vezes no preenchimento eles não fazem a reflexão sobre aquilo que estão fazendo, não profundam. Por exemplo, veio uma solicitação de abrigo em uma unidade de acolhimento e o motivo do acolhimento estava "baixa renda". Fomos questionar a equipe sobre o que que é isso que colocaram, baixa renda é motivo de acolhimento? E a resposta é que foi assim que veio o pedido de acolhimento do

Conselho Tutelar. E aí eu perguntei, onde está o nosso trabalho técnico de diluir esta informação, de decodificar esta informação e traduzir no que realmente acontece? Cadê a nossa capacidade de fazer esta reflexão? Estamos sofrendo lá... E outra coisa é que como não temos um sistema informatizado isso é feito manualmente, se fosse um sistema iria ser um copia e cola. Porque eles pegam um prontuário e parece que é feita sempre a mesma coisa, não há uma reflexão, não aprofundam. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

Agir sem refletir sobre essa ação é exercer uma pseudo-atividade, uma prática que se vê como auto-suficiente, sem se preocupar com a teoria e o conhecimento. Afastado do contato com o objeto, exercendo uma prática avessa à teoria, se faz uma falsa prática, uma tentativa de transformar uma realidade sem antes a entender, a compreender, a interpretar.

O pensar tem um duplo caráter: é imanentemente determinado e é estrigente e obrigatório em si mesmo, mas ao mesmo tempo, é um modo de comportamento irrecusavelmente real em meio à realidade. Na medida em que o sujeito, a substância pensante dos filósofos, é objeto, na medida em que incide no objeto, nessa medida, ele é, de antemão, também prático. (ADORNO, 1995, p. 205)

Ao afirmar que a teoria é também algo prático, uma espécie de prática, Adorno transfere o debate, que fica somente sobre a unidade teoria e prática, para a investigação dos entraves colocados pela racionalidade e que promovem essa desunião.

Adorno trata a questão da divergência entre teoria e prática relacionando-a com a questão sujeito e objeto. Para Adorno, a unidade imediatamente entendida entre teoria e prática imita a falsa identidade entre sujeito e objeto. Afirmando a sua posição contrária ao positivismo, que defende uma relação mecânica e abstrata entre sujeito e objeto, Adorno reconhece o sujeito fazendo parte integrante do processo de conhecimento que não se reduz a decomposição da realidade em partes. A teoria se coloca como força transformadora ao não se reduzir a um ordenamento passivo de dados captados da realidade. Assim ela produz seu impulso prático com o objetivo de

transformação ao interpretar esta realidade questionando, se contrapondo e recusando o que está imediatamente posto, exercendo a sua função crítica.

## Capítulo III

### O CONHECIMENTO TEÓRICO NO CONTEXTO DO SERVIÇO SOCIAL

#### 3.1 O Conhecimento no Serviço Social: uma proposta de interpretação marxista da profissão

Com o Movimento de Reconceituação na década de 60 do século passado, o Serviço Social no Brasil questiona os fundamentos da razão instrumental, predominante na profissão até então. Neste momento a profissão rompe com o seu papel que favorece os interesses da ordem burguesa e se identifica na divisão sócio-técnica do trabalho e no processo de produção e reprodução das relações sociais (SIMIONATTO, 2009).

Ao modificar a sua perspectiva focando a ação profissional vinculando-se com as classes subalternas, estende o seu conhecimento da sociedade considerando a sua estrutura e superestrutura, como totalidade, problematizando questões ligadas às esferas social, econômica, política e cultural.

Esta mudança de paradigma se reflete nos referenciais teórico-metodológicos e prático-operativos, que no início se aproximavam de Marx pelos seus comentadores só se concretizando efetivamente essa aproximação nos anos oitenta com Marilda Iamamoto e Raul de Carvalho no livro *Relações sociais e Serviço Social no Brasil* (2011). Quando perguntado aos profissionais qual é o referencial teórico buscado para subsidiar/explicar a prática profissional e o conhecimento da realidade, foi este mesmo referencial teórico que apareceu mostrando a atualidade e importância deste debate dentro do Serviço Social.

Não dá para deixar de fazer a crítica social, a análise da sociedade, de conjuntura, de contexto sem ser pela ótica da Marx, então não dá para viver nesta sociedade capitalista, desigual, injusta, sem espaço para todos sem passar por uma análise marxista. Eu perpasso por

ele, com certeza. E aí, mais especificamente, vou para outros, neste momento estava indo para Gramsci para análise da cultura. Dando aula de Antropologia e vendo tantos antropólogos quero me aproximar mais para fazer melhor a relação e crítica por isso tenho que me apropriar mais de Gramsci. E tenho feito a leitura de produções atuais, não só leio Marx, mas também, os comentadores dele. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

Para a análise para a situação política eu sempre me baseio na linha marxista, na Marilda que eu gosto muito, na Barroco do ponto de vista da ética, como eu trabalho com violência é bom para sempre colocar no atendimento da criança e da família esta posição ética profissionalmente. E têm alguns autores na área da saúde mental, outros pensadores fora do Serviço Social que analisam a política na área da saúde mental. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

Neste livro Iamamoto e Carvalho buscam fazer uma interpretação da profissão sob a orientação teórico-metodológica marxista compreendendo o Serviço Social e o seu significado dentro da sociedade capitalista. Para marcar esta posição inicialmente são apresentados os principais fundamentos da teoria de Marx como o trabalho, a totalidade e o materialismo histórico dialético.

A análise da profissão fica situada no interior do processo da produção e reprodução das relações de classes e em suas contradições. “Nesse sentido, efetua-se um esforço de *compreender a profissão* historicamente situada, configurada como um tipo de especialização do trabalho coletivo dentro da divisão social do trabalho peculiar à sociedade industrial” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2011, p. 77).

O Serviço Social não pode, portanto, ser entendido fora de seu contexto, como se pairasse acima da sociedade fora de seus condicionantes e determinações. Assim, a totalidade, como um conceito fundamental nesta perspectiva, contribui para que a análise não fique presa na profissão, mas se estenda a compreensão de outros elementos constitutivos da sociedade.

Trata-se, portanto, de uma *totalidade concreta em movimento, em processo de estruturação permanente*. Entendida dessa maneira, a

reprodução das relações sociais atinge a totalidade da vida cotidiana, expressando-se tanto no trabalho, na família, no lazer, na escola, no poder etc., como também na *profissão*. (Ibid., p. 79)

O Serviço Social é visto sob dois ângulos que estão relacionados, um é a representação que tem para os profissionais e como isto é expresso nos discursos teórico-metodológico; o outro ângulo é o que ultrapassa a “vontade e consciência” dos profissionais, é como a profissão está direcionada pelas condições objetivas, sua determinação dada pela sociedade capitalista (idem, p. 80). Esta posição combina com o que Marx (2009b) afirma sobre a relação das representações e as condições objetivas materiais.

A produção das idéias, das representações, da consciência está em princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparece aqui ainda como direta exsudação (*direkter Ausfluß*) do seu comportamento material. O mesmo se aplica à produção espiritual como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc., de um povo. Os homens são os produtores das suas representações, idéias etc., mas os homens reais, os homens que realizam [*die wirklichen, wirkenden Menschen*], tal como se encontram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e pelas relações [*Verkehrs*] que a estas corresponde até as suas formações mais avançadas (p. 31)

A análise de Iamamoto e Carvalho (2011) considera, portanto, a constituição da sociedade capitalista identificando o Serviço Social inscrito em suas condições materiais observando a contradição presente nesta sociedade e o seu movimento histórico.

Mas uma vez que a razão conseguiu pôr-se como tese, esta tese, este pensamento, oposto a si mesmo, desdobra-se em dois pensamentos contraditórios, o positivo e o negativo, o sim e o não. A luta entre esses dois elementos antagônicos, compreendidos na antítese, constitui o movimento dialético. O sim tornando-se não, o não tornando-se sim, o sim tornando-se simultaneamente sim e não,

o não tornando-se simultaneamente não e sim, os contrários se equilibram, neutralizam, paralisam. A fusão desses dois elementos contraditórios constitui um pensamento novo, que é sua síntese. Este novo pensamento se desdobra ainda em dois pensamentos contraditórios que, por seu turno, se fundem em uma nova síntese. Deste trabalho de processo de criação nasce um grupo de pensamentos. Este grupo de pensamentos segue o mesmo movimento dialético de uma categoria simples, e tem por antítese um grupo contraditório. Destes dois grupos de pensamento nasce um novo, que é a síntese (MARX, 2009-A, p. 124)

Vale ressaltar que há uma diferença entre o método de exposição da pesquisa e o método de investigação, conforme Marx (2009-A)

É, sem dúvida, necessário distinguir o método de exposição formalmente, o método de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que esteja tratando de uma construção *a priori*. (p. 20)

Iamamoto e Carvalho (2011) expõem seguindo um esquema semelhante utilizado por Marx em *O Capital*, partindo do conceito de valor e considerando o Serviço Social dentro da categoria trabalho.

Dentro da orientação analítica expressa neste ensaio, parte-se do pressuposto de que a compreensão da profissão de Serviço Social implica o esforço de inseri-la no conjunto de condições e relações sociais que lhe atribuem um significado e nas quais torna-se possível e necessária. Afirma-se como um tipo de especialização do trabalho coletivo, ao ser expressão de necessidades sociais derivadas da prática histórica das classes sociais no ato de produzir e reproduzir os meios de vida e de trabalho de forma socialmente determinada. O desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais engendradas nesse processo determinam novas *necessidades sociais e novos impasses* que passam a exigir *profissionais especialmente qualificados* para o seu atendimento, segundo os

parâmetros de 'racionalidade', e 'eficiência' inerentes à sociedade capitalista (p. 83)

O Serviço Social não está imune à contradição presente na vida social cotidiana entre a classe proletária e a burguesia. A sua intervenção se especializa ultrapassando o caráter de caridade e repressão presente em suas protoformas. Conforme as forças produtivas se desenvolvem novas expressões da exploração da classe trabalhadora surgem. Com isso novas estratégias são desenvolvidas pelo Capital para lidar com a Questão Social com a finalidade de conservar seu poder e garantir a produção e reprodução da força de trabalho. O Estado assume a intervenção direta sobre a Questão Social regulamentando a vida social e os direitos trabalhistas e sendo o gestor dos serviços sociais oferecidos para a classe trabalhadora.

O que merece ser marcado é que a evolução da questão social apresenta duas faces, indissociáveis: uma, configurada pela situação objetiva da classe trabalhadora, dada historicamente, em face das mudanças no modo de produzir e de apropriar o trabalho excedente, como frente à capacidade de organização e luta dos trabalhadores na defesa de seus interesses de classe e na procura de satisfação de suas necessidades imediatas de sobrevivência; outra, expressa pelas diferentes maneiras de interpretá-las e agir sobre ela, propostas pelas diversas frações dominantes, apoiadas no e pelo poder do Estado (Ibid., p. 85)

Desta forma o Serviço Social em seu desenvolvimento histórico, sai da concepção de caridade se fundando como uma profissão historicamente determinada, como uma especialização na divisão sócio-técnica do trabalho e sujeita às contradições presentes na sociedade capitalista e no desenvolvimento dialético. Os pressupostos marxistas não só estão presentes, mas são o fio condutor desta abordagem de interpretação da profissão. Partindo da experiência cotidiana, a realidade do profissional de Serviço Social é analisada indo-se além dela mesma, da aparência busca-se a essência, os seus determinantes que só se apresentam no processo de abstração. Isso ocorre quando o Serviço Social é pensado dentro da categoria trabalho, dentro

de sua contradição e historicidade, e a análise retorna à realidade buscando novas determinações, dando sentido as relações sociais antes obscurecidas.

## **2.5 Problematizando o conhecimento do serviço social na atualidade**

A contradição existente entre o acesso ao conhecimento e as condições oferecidas para que este seja utilizado de modo crítico é percebida em várias áreas da sociedade e nas ciências, bem como no Serviço Social. Estas novas configurações se evidenciam na prática profissional que, em resposta às novas exigências do mercado de trabalho, busca por soluções rápidas e prontas de forma cada vez mais intensa, subordinando a teoria e o exercício do pensamento reflexivo à prática imediata e acrítica.

Diversos fatores contribuem para criar barreiras que dificultam pensar e agir sobre e na realidade, como a Indústria Cultural, o processo de reificação e a alienação. Quando perguntado aos profissionais quais eram os fatores que mais dificultavam na busca por conhecimento teórico, o que predominou foram as queixas sobre as relações e demandas de trabalho.

O fator que dificulta é o cotidiano maluco, que nos engole. E faço uma análise, a partir dos meus colegas, também, é que com a redução da jornada de trabalho o que por um lado dá mais tempo e qualidade de vida extra-trabalho para você aprofundar, mas também o trabalho deve permitir, dentro do próprio trabalho aprofundar nos estudos. Para poder fazer um projeto, um relatório, uma pesquisa, para usar estes instrumentos de trabalho tem que estudar. Mas de fato é este cotidiano exagerado de trabalho, repetição e produção, acredito que não permite que pesquisamos mais a fundo em virtude disso. E também, vejo que a própria sociedade atual, de consumo e que gera em nós um comodismo e acabamos sendo mais uma vítima desta sociedade que impõem para a gente o consumo, o trabalho, o individualismo. E aí vem a fala "já sou funcionário público e não preciso aprofundar" tem gente que faz esta avaliação. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

A dificuldade que eu vejo, colocando na esfera do município, é a falta de formação permanente, a pressão por atender demanda e isso existe na esfera pública, temos nosso limite profissional e temos de estabelecer limite, vou atender estas famílias o resto não vou atender e isso não é um problema meu é um problema de política, de organização e gestão pública. Não cabe ao profissional dar conta de toda a demanda quando não se tem uma política pública clara, gestão pública condizente. Às vezes a interferência de querer determinar a sua posição, o tipo de relatório, isso é um desrespeito com a profissão. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

Na hora de atender temos uma boa relação com os empregados próprios, a gente [empregados tercerizados] atende e estamos no mesmo barco junto, mas na hora de preparar, de estar dando mais subsídio para estar atuando não é feita a mesma coisa para a gente, ou você paga, ou faz à noite, ou você se dispõe dos próprios recursos, porque a empresa não faz a mesma coisa para os contratados. A primeira desculpa é que não pode deixar descoberto o posto de trabalho, a segunda é porque é contratado mesmo e não vão investir em um contratado enquanto pode investir em um próprio. Isso a gente ouve mesmo. (Gina, depoimento colhido em setembro de 2012)

O processo de produção capitalista favorece esta lógica na qual não são dadas condições para o desenvolvimento de atividades que levem o trabalhador a um crescimento espiritual e ao desenvolvimento de conhecimentos novos ao ser negado o tempo livre para se contrapor ao trabalho alienado.

O pensamento pós-moderno contribui com esta lógica ao criar uma visão distorcida do real, ao abandonar as explicações totalizantes da realidade do ser social, as metanarrativas, como o marxismo, valorizando a razão instrumental, o pragmatismo e o pensamento fragmentário e efêmero. Isto se reflete nas capacitações oferecidas pelas instituições empregadoras aos profissionais, que tem o foco em abordagens em uma demanda específica, fragmentando o todo

e procurando oferecer elementos para atender um problema de forma pragmática.

Um [curso] deles foi para o trabalho com serviço de acolhimento, outro foi sobre a área de família, para acompanhamento familiar, a maioria deles é bastante pontual. Claro que tem alguns mais gerais, mas a maioria deles é bem mais focado para dar elementos para a prática. A maioria deles é bastante pragmático, voltados para métodos, técnicas, operacionalização e execução mesmo. Eu diria que pouquíssimos, um ou dois, mais no âmbito do CRAS ou CREAS que a gente abordou toda a história da política social até chegar a hoje, a história do SUAS e fortalecimento da Assistência Social como política pública. Mas a grande maioria, diria que dois de vinte ou de quinze nos últimos cinco anos não foram mais pragmáticos. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

É preocupante notar como esta lógica é absorvida e reproduzida pelos profissionais. Quando perguntei, para este mesmo sujeito, não mais sobre os cursos oferecidos pela instituição empregadora, mas sim, pelos cursos buscados pelos profissionais, seus colegas de trabalho, a resposta não foi muito diferente da anterior.

Alguns deles buscam a abordagem sistêmica, a maldita abordagem sistêmica, terapia familiar e comunitária, alguns estão fazendo curso para gestão pública e gestão social. Mas muito voltados para a prática, nenhum para a análise da sociedade, do contexto isso passa longe, longe mesmo. Raros são os que querem fazer mestrado. Alguns buscam curso na área da psicologia, na área do direito. Tem alguns com uma abordagem mais holística, tenho visto alguns colegas pelo Facebook fazendo um tal de DL, um tipo de programação neurolinguística, eu ouvi falar mais não entendi muito bem, mas são estratégias holísticas, mas confesso não estar tão perto para saber se estão usando isso na prática. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

O pensamento pós-moderno trás, em suas referências, a influência da concepção neoconservadora e se posiciona contra a razão e os diferentes modelos de explicação do real em suas macro-abordagens e macro-narrativas.

A razão é entendida “como instrumento de repressão e padronização” ressaltando a “importância do fragmento, do intuitivo, do efêmero e do microssocial (em si mesmos)” (YAZBEK, 2005, p. 157).

Como aponta Iamamoto, o conservador

reage aos princípios universalizantes e abstratos do pensamento dedutivo: seu pensamento tende a aderir aos contornos imediatos da situação com que se defronta, valorizando os detalhes, os dados qualitativos, os casos particulares, em detrimento da apreensão da estrutura da sociedade. A mentalidade conservadora não possui predisposição para teorizar. (IAMAMOTO, 2008, p. 24)

Esta perspectiva critica o marxismo em sua visão de totalidade, pois considera que não é possível apreender ou conhecer uma realidade com uma multiplicidade e uma diversidade tão grande sem as desprezar. Com isso reforça a importância da singularidade e da positividade, o fragmento entendido em si mesmo perdendo, assim, a sua relação com o todo, caindo em um irracionalismo.

Entender a estruturação dos mecanismos de dominação do capitalismo e a sua lógica cultural pós-moderna desvelando o seu enraizamento na vida cotidiana ajuda a compreender o indivíduo/profissional e a nossa categoria como um todo inserida neste contexto, reconhecendo os desafios colocados na compreensão e intervenção nesta realidade fazendo parte dela, sujeito a toda a influência desta lógica instrumental.

Do que foi exposto podemos afirmar, como diz Simionatto

que o pós-modernismo está intimamente relacionado a um novo tipo de hegemonia ideológica nesse estágio do capital globalizado. Fundamentada nas teorias do fragmentário, do efêmero, do descontínuo, fortalece a alienação e a reificação do presente, fazendo-nos perder de vista os nexos ontológicos que compõem a realidade social e distanciando-nos cada vez mais da compreensão totalizante da vida social” (SIMIONATTO, 2009, p. 94)

É importante ressaltar que o conhecimento da particularidade, do pequeno, do singular, do indivíduo é extremamente importante e válido, desde que não fique desconectado da sua relação com o todo, com a realidade que o circunda, com o seu processo histórico, do seu contexto. O conhecimento teórico, como bem lembra SANTOS (2013), não é o único conhecimento necessário para a prática profissional, pois além das questões de “por que” e “para que” fazer, também há o “como fazer” que é próprio do conhecimento procedimental. As falas a seguir mostram exatamente a preocupação destes profissionais em procurar se capacitar para conhecer a especificidade de uma área de atuação, de sujeitos determinados que serão beneficiados com sua intervenção, mas com a preocupação e atenção de não perder a relação com o todo, com o contexto onde está inserido.

Inicialmente eu busquei sobre família, como eu fui trabalhar com renda cidadã eu queria compreender como era o funcionamento da família internamente, como funcionava, como se dava as relações. Um conhecimento mais das outras áreas como psicologia, para entender um pouco das questões que a família colocava para a gente no atendimento. Fiz um curso de especialização além de alguns pequenos de capacitação. Depois, como parei de trabalhar com família e fiquei só com o serviço interno, burocrático, eu fiz uma pós em Gestão Municipal. Para entender o funcionamento da máquina pública. Fui atrás disso porque o SS também lida com esta parte burocrática da assistência. (Maria Aparecida, depoimento colhido em agosto de 2012)

Eu, particularmente, pela formação que eu tenho, pela militância que eu tenho, não acho ela me embasa. Já li coisas, por exemplo, tem alguns critérios, alguns tópicos, alguns tipos de família que eu acho interessante, tudo é apoio para minha formação, para minha atuação. Mas aquilo servem como tópicos para análise da intervenção e não análise do Estado, da sociedade, para isso não cabe, não me trás esta leitura que eu acho ser fundamental hoje. O que está colocado nesta política nacional, o que está colocado nesta política do estado, do município isso não me cobre. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

Netto (1996) ao fazer uma análise prospectiva do Serviço Social no Brasil ressalta que a formação profissional não pode ficar restrita a graduação, deve abranger a formação contínua dos profissionais que buscam capacitação para lidar com as exigências do mercado de trabalho. E alerta que para esta formação “confrontam-se dois ‘paradigmas’ de profissional”: um que busca a especialização de modo focalizado e pragmático para o atendimento de questões do mercado de trabalho; e o outro que se capacita teórico e criticamente para intervir “identificando a significação, os limites e as alternativas da ação focalizada” (p. 126).

Eu vejo de duas maneiras, estou há 5 anos na gestão, então eu vejo que tanto no âmbito das políticas públicas que eu tenho que ver todo o embasamento que incide sobre aquela política pública e todo o referencial teórico que embasa a nossa profissão. Então, eu estando na gestão, vejo o quanto eu tenho que pesquisar sobre os fundamentos das políticas sociais, a concepção da política social que temos, que queremos, então eu vejo neste sentido muito perto de mim. Como está a política social na nossa cidade e qual a que eu quero. E como que eu faço isso? A partir dos pressupostos que embasam as políticas sociais. E no âmbito do SS, a teoria que incide no SS, na gestão, pesquisando não só métodos e técnicas, mas também elementos que sustentam a nossa ação. Para ter uma ação mais qualificada, mais crítica. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

Quando eu fui para a área da educação eu fiz especialização em educação infantil na USP e depois fui fazer mestrado na PUC em Serviço Social, quando entrei na saúde mental na prefeitura, onde estou até hoje. Sempre apresentei trabalho em congressos, eu tenho mantido isso de participar de no mínimo dois congressos por ano que estejam vinculados a minha prática profissional. Isso eu acho legal porque me atualiza e eu vejo outras experiências para trocar. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

Estudar a formação buscada pelos profissionais e oferecida pela instituição empregadora é uma forma de entender os desafios e progressos da profissão na atualidade. Os profissionais que participaram desta pesquisa estão, como mostram as falas acima, dentro do segundo tipo de profissionais

citado por Netto (1996), mas bem sabemos que este perfil não se reflete em toda a nossa categoria, como também já foi lembrado em falas anteriores. Não se trata, pois, de julgar ou condenar os profissionais que buscam uma capacitação focalizada e pragmática, pois quando refletimos sobre a atuação do profissional de Serviço Social não podemos esquecer que este profissional está inserido no contexto da sociedade capitalista e sujeito a todas as influências que esta pode ter na criação de obstáculos para que se possa realizar a relação teoria e prática. Como apontado por Netto (2009) a “relação sujeito/objeto no processo de conhecimento teórico não é uma relação de externalidade, [...] antes, é uma relação em que o sujeito está implicado no objeto.” (p. 674), ou seja, o sujeito está inserido no seu objeto de estudo que é a sociedade capitalista.

Ao perguntar sobre a capacitação oferecida pela instituição empregadora, as respostas revelaram como pode ser subtraída do trabalhador uma formação de qualidade tanto pela negação de tempo, recursos e liberação para os profissionais se capacitarem. Esta negação também se dá de forma velada ao oferecer uma formação que não é completa, de qualidade, mas sim uma semi-formação que é restrita e não propicia o pensamento reflexivo, como também o desenvolvimento da criatividade e de pensar dinâmicas novas e diferentes.

Você quer que eu dê risada... Sou super antiga na prefeitura, estou desde 1989 e nunca fui incentivada a fazer curso nenhum, tive que bancar os cursos, para fazer o mestrado foi ainda mais difícil porque tinha que sair do trabalho e ir direto, pois nem liberação eu consegui pelo momento em que a gente estava politicamente. Não tinha esta iniciativa por parte da prefeitura.

A prefeitura faz alguns encontros, chama os profissionais e, eu não quero ofender, mas é uma formação que não leva a nada, não é uma formação permanente, continuada. Eu acho que precisa pegar os profissionais e construir projetos e fazer uma educação permanente. Não para aparecer no jornal o que está se fazendo. Eu já fiz alguns e de muitos eu fui embora de tão cansada de ver aquela história, de ver aquele assunto. Eu quero estudar os pontos vinculados à prática,

mas com conhecimentos novos. O que eles trazem são conhecimentos muito básicos, muito rudes, coisas que a gente já está vivendo. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

Eu fiz pela PUC curso de Gestores Sociais e cursos menores oferecidos pelo prefeitura. A Secretaria de Assistência Social oferece várias oportunidades de educação permanente. Muitas delas são específicas para grupos de trabalhadores... o pessoal do serviço de acolhimento, do CRAS, do CREAS. Tenho participado de vários deles e são bastante qualitativos, e não digo por que trabalho na gestão e participo de processo decisório sobre eles, mas acho que eles precisam ser mais sistemáticos, continuados. Parece que surge um problema e vem o curso para tratar disso, não há um plano de capacitação permanente de educação continuada do trabalhador. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

O curso que a empresa ofereceu de saúde mental não me acrescentou muita coisa, tinha toda uma estrutura, com profissionais da área da saúde com Assistente Social, Médicos, Dentistas, Enfermeiras, acho que poderia ser um curso mais específico, mas eles preferiram usar ferramenta própria, os próprios empregados para dar este curso e deixou muito a desejar quanto à abordagem. Os instrumentos que se deve utilizar, a abordagem, o acolhimento, acho que isso ficou meio vago. Por isso estou questionando esta condição de estar saindo para fazer um curso em um lugar específico que dê condição para a gente ter uma visão melhor. Este ficou um curso muito restrito, objetivo demais e deixou muita lacuna, não abriu a gente, o horizonte. (Gina, depoimento colhido em setembro de 2012)

Já nas falas abaixo, fica evidente que além da precariedade dos cursos e capacitações oferecidas, está a ausência mesma de condições para que o trabalhador consiga superar esta formação de baixa qualidade.

Acredito que a empresa poderia investir mais nos profissionais, que o investimento é muito pouco. Este curso que eu propus para meu supervisor era para a empresa me liberar para fazer para eu pagar, porque acredito que a empresa não pagaria o curso. Gostaria de ter mais. Os cursos que quero fazer tenho que fazer por conta própria, a empresa não vai me custear. (Gina, depoimento colhido em setembro de 2012)

Teve um curso atualmente de RH e de Tanatologia, que me interessa bastante porque a gente vive bastante com isso, atuamos muito com isso, e nós contratados não pudemos fazer, pois era só para os empregados próprios. (Gina, depoimento colhido em setembro de 2012)

Honestamente acho que o governo é burro, não tem outra palavra, por não capacitar e incentivar os profissionais a estudar. É um grande equívoco frente aos recursos que são passados pelos Governos Federal e Estadual para os municípios e necessita de técnicos mais qualificados, e fica devendo porque perde recursos por não ter projetos qualificados. Acho um grande equívoco até do ponto de vista político, seria um ganho ele atender com mais dignidade projetos sociais, da saúde, da educação, da assistência com mais qualificação e para isso o profissional que está ali na linha de frente precisa e necessita de qualificação. Infelizmente isso não é uma política. Querem o profissional só ali atendendo a demanda, atendendo e não estudar que serviço é esse, que demanda é essa que projeto eu posso construir de um outro jeito, mais qualificado, mais comprometido com a família, com o território (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

Ao pensarmos nas competências necessárias para o profissional de Serviço Social no desvelamento e intervenção da questão social, pensamos em um profissional com uma base teórico-metodológica forte que possibilite uma análise crítica e analítica que o leve a desenvolver a sua atividade interventiva compromissada com o projeto de transformação. Por isso se faz necessário pensar o profissional de Serviço Social no desenvolvimento de sua intervenção na questão social e a utilização e acesso ao conhecimento teórico na análise crítica que faz da realidade onde atua.

Na sua relação direta e imediata com a realidade o homem comum, geralmente, não faz a distinção ou separação entre teoria e prática. Ele pensa os seus atos práticos, mas no seu cotidiano, muitas vezes, não faz da prática seu objeto de pensamento. É importante ter isto claro para distinguir este tipo de ação com uma atuação profissional, no caso aqui estudado o Assistente Social frente as demandas do cotidiano, para que sua ação vá além da do

homem comum. Deste profissional é exigida a observação e estudo de seu objeto de intervenção e da realidade onde está inserido para identificar a melhor forma de agir sobre ela. Assim como sua própria atuação deve ser refletida, pensar a própria prática implica sistematizar a atuação profissional, conhecer os instrumentos e técnicas da sua atuação e buscar o conhecimento da prática acumulada ao longo da história do Serviço Social “A consciência comum da práxis tem de ser abandonada e superada para que o homem possa transformar de forma criadora, isto é, revolucionariamente, a realidade” (VÁZQUEZ, 2007, p. 33).

Eu sempre falo que a teoria ilumina a prática cotidiana, ela nos alimenta, ela nos dá uma direção. Mas existe uma lacuna no Serviço Social, esta direção precisa ser mais sistematizada para fortalecer os estudos, inclusive no campo teórico. Por exemplo, no atendimento a uma família poder pensar: eu uso esta metodologia; isso me traz este componente de análise teórica; e me traz esta forma de abordagem. A gente precisa falar mais isso nas universidades e não ficar mais naquela coisa do discurso teórico e uma prática distante. Precisa aproximar esta prática da teoria, ajudar a fazer esta relação. Quando atendo uma família e grupo pensar: qual é o referencial teórico que eu estou usando? Quais autores do SS e de outras áreas que estou usando? Qual é o meu projeto de intervenção? Como é que eu faço isso? Qual é o tempo de duração? Quais os temas trabalhados? Preciso sistematizar isso. Acho que isso está faltando porque parece que isso é muito óbvio para a gente, mas as vezes para o estudante que está saindo recém formado não é. Ele não consegue puxar da sua formação e perceber isso no atendimento de uma família. O que existe de relação de poder? Quais são os papéis familiares? Que potencialidades têm aquela família? Que necessidades? Que projeto eu vou construir em parceria com esta família e como posso ajudar dentro do princípio da emancipação e autonomia? Então eu acho que isso a gente tem que aprofundar um pouco mais. Então fica aquela coisa de que a teoria é uma coisa e a prática é outra, mas não é. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

O profissional que busca conhecer uma realidade não a conhece somente por conhecer, este conhecimento está a serviço de um fim, um

objetivo. Para que este ou estes fins possam se realizar se faz necessário conhecer os meios que podem fazer com que se concretizem. Conhecimento e elaboração de fins e vontade de realização apresentam-se em íntima unidade. Esta atividade finalista é uma antecipação dos resultados objetivos que se quer obter, que se dá devido a sua insatisfação com a realidade como está. Mas, para que este seu ideal possa ser realizado, tem de estar adequado às condições e necessidades reais, tem de fazer sentido dentro da consciência deste profissional e contar com os meios adequados para sua realização.

Uma prática que se afasta da teoria é uma prática vazia que preenche o seu espaço com toda uma rede de verdades estereotipadas, superstições, preconceitos e, até, de uma concepção irracional do mundo baseada no misticismo e religião. Daí a importância de se pensar a própria prática, sistematizar o seu exercício profissional, conhecer a sua atuação e buscar o conhecimento da prática acumulada ao longo da história do Serviço Social, na forma de construção teórica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento teórico é de extrema importância para a vida e a atividade profissional no desvelamento da realidade e para sua crítica, ao negar o que é imediatamente dado como certo, e compreender o mundo em seu movimento, o ser como mudança, em constante transformação, e assim poder chegar a sua essência. Por isso não pode ser negligenciado ou esquecido, colocado em segundo plano e muito menos negado. Ele é necessário para que haja a relação entre teoria e prática na intervenção profissional e, conseqüentemente, nas dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa.

É com ele que o profissional vai conhecer o objeto de sua intervenção e organizar a sua ação enquanto sujeito e poder responder o que quer, como quer e o por que da sua intervenção. Ao fazer isso, tem a consciência de que está inserido na sociedade capitalista, sob influência dela, do seu fetichismo, da alienação, do excesso de trabalho, da falta de condições para estudo e capacitação, da indústria cultural atuando para um comportamento massificado, padronizado de ações e opiniões sem crítica.

Por isso se faz necessário afirmar a frase de Adorno, “aquele que pensa, opõe resistência” (ADORNO, 1995: p. 208), com a clareza de que não é possível a transformação somente com o conhecimento, sem a prática. Ao mesmo tempo devemos ser conscientes e reconhecer que nos dias de hoje pensar, conhecer, criticar, se fundamentar teoricamente, já é resistir, remar contra a correnteza do pensamento fragmentário, irracionalista e acrítico cada vez mais presente, que nega a compreensão da realidade como uma totalidade.

Este pensamento pós-moderno não se apresenta somente no campo da teoria, ele está no nosso cotidiano, nas práticas sociais que nos afetam diariamente, na organização das políticas públicas e na lógica dos treinamentos oferecidos para o trabalhador. Está em consonância com o

sistema capitalista, na exploração do trabalho, na cobrança de metas e resultados inalcançáveis, numa formação profissional voltada para o pragmatismo, na busca de soluções rápidas no atendimento de questões do mercado de trabalho.

A busca pelo conhecimento teórico está relacionada em voltar para os clássicos, em tratar a teoria não como algo entediante ou inalcançável, mas sem medo, com dedicação e rigor. Os fundamentos do marxismo, corrente hegemônica no Serviço Social, os seus princípios, categorias, pressupostos ontológicos e epistemológicos, precisam estar devidamente apreendidos pelos profissionais diminuindo a lacuna entre a posição ético-política e o domínio desta teoria.

Por isso optamos, durante esta dissertação, fazer um percurso teórico que resgatasse alguns dos fundamentos e conceitos de maior contribuição para o debate aqui desenvolvido. Compreender o que é a razão moderna e sua forma de explicar a realidade pela valorização da razão ajuda a entender a crítica que é realizada a esta forma de pensar, crítica esta que se dá de dois modos diferentes, um primeiro que a faz utilizando os mesmos fundamentos desta razão moderna, como a realizada pelos pensadores da Teoria Crítica. O segundo modo que produz sua crítica rejeitando a própria forma de pensar da razão moderna, crítica esta que é própria do pós-modernismo. Esta posição foi apresentada aqui na defesa realizada por Boaventura de Souza Santos e na crítica de David Harvey. O conhecimento teórico recebeu destaque ao analisarmos os pressupostos teórico metodológicos de Marx e a relação teoria e prática recorrendo aos textos do próprio Marx e, também, de importantes comentadores marxistas como Kosik e Vázquez. As análises de Adorno e Horkheimer tiveram como objetivo dar mais subsídios para o debate sobre a teoria e sua fragilidade sentida pelos profissionais hoje em dia. Toda esta fundamentação teórica contribuiu para a reflexão no contexto do Serviço Social com a leitura de autores que se dedicam a estudar esta profissão em seu momento histórico e, também, para a análise das falas dos profissionais que

participaram da pesquisa e que expressam o atual contexto em suas nuances, especificidade e desafios.

Apesar de não ter sido o foco desta pesquisa, cabe salientar que a formação profissional na graduação tem um papel fundamental ao ensinar, desde o início, a relação existente entre teoria e prática, valorizando cada uma em sua identidade e na sua relação. Desde o início do curso, nas disciplinas ditas teóricas como Filosofia e Sociologia, por exemplo, a teoria tem de fazer sentido, ter o seu significado claro, a sua importância para a compreensão da realidade e na sua relação direta e dialética com a prática, com o contexto do aluno.

Por outra parte, foi evidente como a participação política dos profissionais, seja em sindicatos ou conselhos de direitos, aparece como um importante espaço de troca de conhecimentos e concretização da relação entre teoria e prática. Assumir uma posição crítica na busca de conhecimento teórico que não se reduz às demandas do mercado, continua como um desafio para os profissionais comprometidos com o projeto ético-político da profissão, na busca da participação nas decisões da formação oferecida pelas instituições empregadoras, nos temas abordados, como são trabalhados e na luta por uma educação continuada e de qualidade.

Finalizo esta dissertação pontuando algo de grande valor e motivador. Ao final de cada entrevista ao perguntar qual o aspecto facilitador na busca do conhecimento teórico a resposta foi a mesma: que o Serviço Social, a profissão, o contato direto com a realidade, com os usuários, a vontade de mudança e o compromisso ético-político são os grandes incentivadores na formação destes profissionais e na busca do conhecimento. Por isso termino reproduzindo algumas das falas destes profissionais expressando o amor e importância do Serviço Social.

Agora aspectos que facilitam, no lugar onde trabalho é maravilhoso para isso. E, também, a nossa profissão que nos impulsiona a buscar mais e mais. Por causa das múltiplas expressões da questão social, não dá para viver sem aprofundar, sem buscar respostas, sem ver

quem está buscando respostas e buscar outras, então estar no Serviço Social é um ponto que facilita. (Diogo, depoimento colhido em agosto de 2012)

As vantagens são infinitas neste ponto, acho que são maiores que as dificuldades. Eu sou apaixonada por esta profissão, a gente vem em uma luta coletiva na história do Brasil, a gente milita na em defesa dos direitos humanos, por direitos para as crianças, para a família. A gente se posiciona, a gente está comprometido. E trabalhar na esfera pública eu acho muito prazeroso, eu ainda gosto, como fonte de conhecimento eu acho ela infinita as potencialidades. No seu cotidiano, atuando em várias frentes de trabalho, ela te trás uma bagagem e te fortalece e fortalece a profissão. Eu me orgulho de ser AS e a profissão me traz esta bagagem, eu falo que sempre devo as Marias, aos Joãos tudo aquilo que ele me trouxeram e foi muito mais do que aquilo que eu podia oferecer. É sensacional você ver a família permanecer com todo o sofrimento, com toda a pobreza, exclusão social, mas ainda são família, estão ali como família. E cabe a nós contribuir e ajudar de alguma forma para estas famílias. Então, eu aprendo muito mais com esta população que eu atendo e eu tenho profundo carinho e paixão pela população eu atendo. Estar ali no serviço público me motiva a estar me capacitando, estudando, cada vez que mudo de área, inicio um projeto, me motiva a pesquisar aquele assunto, a estudar e aquela população merece um trabalho digno da gente, pois é ali que a gente está e é o momento para ele, é ali que tenho que ter a escuta para a vida dele, do seu cotidiano. E eles voltam, por mais dificuldade que a gente tem, eles retornam e se eles não gostasse eles não voltariam. É um trabalho a longo prazo, tem de haver muito comprometimento com o usuário senão não funciona, não dá resultado. (Fausta, depoimento colhido em setembro de 2012)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Bernadette Siqueira. **História da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel; supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução, Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ARAÚJO, Fábio Carvalho de. **O serviço social em empresas: formulações acerca de um espaço de Atuação**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social / Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Rio de Janeiro, 2010.

BACON, F. **Novum organum**. Col. Os Pensadores. Tradução: José Aluysio Reis de Andrade, São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

BAPTISTA, Myriam Veras. **Investigação em Serviço Social**. São Paulo/Lisboa: Veras Editora/CPIHTS, 2006.

BARROCO, Maria Lúcia. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. Biblioteca básica de Serviço Social, v.4. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BOECIO. **A consolação da filosofia**. Trad. William Li. Revisão Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CALEFFI, Hígor. **O esclarecimento em seu triunfo e fracasso: o indivíduo emancipado e sua contradição em Adorno e Horkheimer**. Trabalho de conclusão de Curso. Universidade Católica de Santos. Santos, 2008.

\_\_\_\_\_. **A relação teoria e prática na ação do profissional de serviço social dentro do contexto da sociedade capitalista na perspectiva da teoria crítica**. Trabalho de Conclusão de Curso, Especialização. Conselho Federal de Serviço Social e Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Universidade de Brasília, Sumaré: 2010.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 12º ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

DESCARTES. **Discurso do método**. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUIN, Antônio; e VAZ, Alexandre Fernandez. (orgs.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

FRIEDMAN, George. **La filosofía política de la Escuela de Frankfurt**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Pequeno dicionário de filosofia contemporânea**. São Paulo: Publifolha, 2006.

GUERRA, Yolanda. **Instrumentalidade e Serviço Social**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GUERRA, Yolanda; FORTI, Valeria. (Orgs) **Serviço Social: temas, textos e contextos: coletânea nova de serviço social**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Ed. Loyola, 2010

HORKHEIMER, Max. **Textos escolhidos**. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1975.

IAMAOTO, M. V. e CARVALHO, R. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 12ºed. São Paulo: Cortez, CELATS, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 6º ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Serviço Social em tempo de capital e fetiche**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KANT, Immanuel. **Textos seletos : edição bilíngüe**. Tradução de Raimundo Vier. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 181 p.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2ºed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2010.

LESSA, Sérgio e TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LUKÁCS, George. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: **Temas de ciências humanas** nº4, Livraria Editora Ciências Humanas LTDA: São Paulo, 1978. Pag. 1 – 18.

MARTINELLI, Maria Lúcia (org.) **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MARTINELLI, Maria Lúcia; RODRIGUES, Maria Lúcia Rodrigues; MUCHAIL, Salma Tannus. (organizadoras). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Marcos Francisco. **Marx, Gramsci e o Conhecimento: Ruptura ou continuidade?** Campinas, SP: Autores Associados; Americana, SP: Unisal – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2008.

MARX, K. **Teses contra Feuerbach**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974

\_\_\_\_\_. **O capital: crítica da economia política**. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, K. **Miséria da filosofia: resposta á Filosofia da miséria, do Sr. Proudhon**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Expressão Popular, 2009-A.

MARX, K e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009-B.

MINAYO, M. Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social – Teoria, método e criatividade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

NETTO, J. P. Razão, ontologia e práxis. **Serviço Social e Sociedade**, ano XV, n. 44. São Paulo: Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_. Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, ano XVII, n. 50, São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **Marxismo impenitente - contribuição à história das idéias marxistas**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao método da teoria social*. In. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CEFESS/ABEPSS, 2009. p.668 – 700.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PARRA, Gustavo. **Antimodernidad y trabajo social: orígenes y expansión del trabajo social argentino**. Universidad Nacional de Lújan. Argentina, 1999.

PUCCI, Bruno. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. In ZUIN, Antônio Álvaro Soares, PUCCI, Bruno e RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997. 263 p.

ROUANET, S. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. Dilemas da moral iluminista. In. **Ética**. NOVAES, Adauto (Org.) Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 207-225.

SANTOS, Josiane Soares. **Neoconservadorismo pós-moderno e serviço social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Mônica dos Santos. **Na prática a teoria é outra? Mitos e dilemas na relação entre teoria, prática, instrumentos e técnicas no Serviço Social**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

SELLIGMAN-SILVA, Márcio. **Adorno**. São Paulo: Publifolha, 2003. 104 p.

SIMIONATTO, Ivete. As expressões ideoculturais da crise capitalista da atualidade. In: **Capacitação em Serviço Social e política social**: Módulo 1: Crise contemporânea, questão social e Serviço Social – Brasília: CEAD, 1999. pag. 78 – 90.

\_\_\_\_\_. Os desafios na pesquisa e na produção do conhecimento em Serviço Social. In: **Temporalis**. Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS / Pesquisa e conhecimento em Serviço Social. Ano V, n. 9 jan. / jun., 2005. – Recife: Ed.Universitária da UFPE, 2005. p.51 – 62.

\_\_\_\_\_. *Expressões socioculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-prática*. In. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CEFESS/ABEPSS, 2009. p.87 – 106.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLASCO; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.

YAZBEK, Maria Carmelita. Os caminhos para a pesquisa no Serviço Social. In: **Temporalis**. Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS / Pesquisa e conhecimento em Serviço Social. Ano V, n. 9 jan. / jun., 2005. – Recife: Ed.Universitária da UFPE, 2005. p. 147 à 159.

\_\_\_\_\_. Fundamentos históricos e teóricos-metodológicos do Serviço Social. In: **Serviço Social: direitos e competências profissionais**. – Brasília: CEFESS/ABEPSS, 2009. pag. 143 – 164.

\_\_\_\_\_. Mudanças atuais no capitalismo e perspectivas para as políticas públicas. In **Revista de Políticas Públicas**, Nº especial. Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão. São Luis, EDUFMA, agosto de 2010, p.59 - 66.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *A indústria cultural e as consciências felizes: psiques reificadas em escala global*. In ZUIN, Antônio Álvaro Soares, PUCCI, Bruno e RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.